



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**A PERSPECTIVA FAMILIAR DIANTE DA REVELAÇÃO DA ORIENTAÇÃO
HOMOSSEXUAL DE JOVENS ADULTOS**

Geysa Cristina Marcelino Nascimento

UBERABA, MG

2018

Geysa Cristina Marcelino Nascimento

**A PERSPECTIVA FAMILIAR DIANTE DA REVELAÇÃO DA ORIENTAÇÃO
HOMOSSEXUAL DE JOVENS ADULTOS**

Mestranda: Geysa Cristina Marcelino Nascimento
Orientador: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Triângulo Mineiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Psicologia e Família

Orientador: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin

UBERABA, MG

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial desta dissertação de mestrado, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

N195p Nascimento, Geysa Cristina Marcelino
A perspectiva familiar diante da revelação da orientação homossexual de
jovens adultos / Geysa Cristina Marcelino Nascimento. -- 2018.
120 f. : il; tab.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) -- Universidade Federal do Triân-
gulo Mineiro, Uberaba, MG, 2018
Orientador: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin

1. Comportamento sexual - Psicologia. 2. Relações familiares. 3. Homos-
sexualidade assumida. I. Scorsolini-Comin, Fabio. II. Universidade Federal
do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 159.9:612.6.057

Apoio Financeiro

Este estudo foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da concessão de bolsa para a realização de mestrado no período de março de 2016 a outubro de 2017. O projeto foi desenvolvido junto ao PROSA (Laboratório de Investigações sobre a Prática Dialógica e Relacionamentos Interpessoais, UFTM-CNPq), coordenado pelo Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin.



[FOLHA DE APROVAÇÃO]

GEYSA CRISTINA MARCELINO NASCIMENTO

**A PERSPECTIVA FAMILIAR DIANTE DA REVELAÇÃO DA ORIENTAÇÃO
HOMOSSEXUAL DE JOVENS ADULTOS**

Data da aprovação: ___/___/___

Membros Componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Rafael De Tilio
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Normanda Araujo de Moraes
Universidade de Fortaleza

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

DEDICATÓRIA

*Às minhas avós, Maria e Odila (in memoriam), por me incentivarem a caminhar e a alcançar
meus sonhos.*

Aos meus pais, ao Renato e ao Fabio, que sempre estiveram comigo.

*Ao meu amigo Matheus (in memoriam), que comemorou comigo quando passei no mestrado
e hoje comemora comigo esta conquista de onde quer que ele esteja.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças e coragem para chegar até aqui. A caminhada não foi fácil, mas com muita fé meus sonhos estão sendo realizados.

Aos meus pais, Jorge Luís e Cristina, por me acompanharem e se dedicarem para que eu pudesse concluir meus estudos.

Às minhas avós, Maria e Odila (*in memoriam*), por, cada uma a seu modo, me ajudar a conquistar meus sonhos.

Ao Renato, pelo companheirismo e incentivo diário.

Ao Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin, que sempre acreditou em mim, me ensinou a caminhar nos passos acadêmicos e que me ajudou a crescer como profissional e como pessoa.

À Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes e ao Prof. Dr. Rafael De Tilio, membros da banca, que me acompanham desde o exame de qualificação e que me ajudaram a construir este trabalho com um olhar mais refinado acerca do assunto.

Aos entrevistados, que confiaram no meu trabalho e por não medirem esforços para realizarmos a pesquisa.

Ao PROSA – Laboratório de Investigações sobre Práticas Dialógicas e Relacionamentos Interpessoais -, por caminharmos juntos, nos ajudando sempre. Ao Daniel, por ter me ajudado no decorrer da pesquisa.

À UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro -, ao PPGP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia -, e à Luciana Veludo, por abrirem as portas e me acolherem tão bem, sempre.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -, pelo incentivo à pesquisa, que foi fundamental para que concluísse meu estudo com dedicação exclusiva.

SUMÁRIO

Resumo.....	9
Abstract.....	10
Apresentação da Dissertação.....	11
Estudo 1	
Resumo.....	17
Introdução, justificativa e objetivo.....	18
Método.....	22
Resultados.....	25
Discussão.....	27
Considerações Finais.....	36
Referências.....	38
Estudo 2	
Resumo.....	45
Introdução, justificativa e objetivo.....	46
Método.....	50
Resultados e Discussão.....	55
Considerações Finais.....	73
Referências.....	75
Considerações Finais da Dissertação.....	89
Referências da Dissertação.....	92
Apêndices	
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	109
Apêndice B - Roteiro de Entrevista Semiestruturado para Homossexuais.....	112
Apêndice C - Roteiro de Entrevista Semiestruturado para Mães e Pais.....	114
Apêndice D - Roteiro de Entrevista Semiestruturado para Irmãos.....	116
Anexos	
Anexo A – Carta de aceite do artigo derivado da Dissertação (Estudo 1).....	119
Anexo B - Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro científico.....	120
Anexo C - Diagrama de Escolta.....	121

RESUMO

Considerando as novas perspectivas acerca da homossexualidade masculina e feminina e do processo de *coming out*, o objetivo geral da presente Dissertação foi investigar de que modo a revelação da orientação sexual de jovens adultos homossexuais tem repercutido na dinâmica familiar, na perspectiva de seus pais, irmãos e dos próprios homossexuais. Trata-se de dois estudos, um de revisão integrativa da literatura científica, e o outro de casos múltiplos, de corte transversal, amparado na abordagem qualitativa de pesquisa. Especificamente, o Estudo 1 teve como objetivo compreender, por meio de uma revisão integrativa da literatura, quais as repercussões da revelação da orientação sexual nas relações familiares de jovens adultos homossexuais. A partir das bases LILACS, MEDLINE, PePSIC, PsycINFO e SciELO (publicadas entre janeiro de 2006 e maio de 2016), foram recuperados 38 artigos. Predominaram estudos qualitativos com pessoas homossexuais, o que limitou o conhecimento do *coming out* para a família, uma vez que apenas um membro foi ouvido. Notou-se que as famílias ficaram surpresas com a revelação, demandando tempo para elaborarem os novos caminhos trilhados pelos(as) filhos(as), bem como para compreenderem as alterações nos sonhos que haviam almejado para os mesmos. Também foram observados casos em que jovens buscaram a rede social como uma referência de apoio no processo de *coming out*. A partir da análise, observa-se a necessidade de novos estudos que abarquem o tema, a fim de ampliar a visibilidade do processo de revelação da orientação sexual. O Estudo 2, por sua vez, objetivou conhecer as percepções de mães, pais, irmãos(ãs) e dos(as) homossexuais acerca da repercussão do *coming out* na família. Utilizando-se da entrevista em profundidade e do Diagrama de Escolta, foram investigados oito casos (oito homossexuais e seus respectivos núcleos familiares – pais, mães e irmãos), totalizando 24 participantes. As entrevistas e os diagramas foram submetidos à análise de conteúdo temático, na qual puderam ser construídos dois eixos/categorias, visando localizar semelhanças e diferenças entre os casos: 1) As percepções de mães, pais e irmãos(ãs) acerca do *coming out*: o início e o processo da revelação da orientação sexual e 2) A homossexualidade e suas repercussões na vida de gays e lésbicas no núcleo familiar. As famílias, com certa dificuldade e resistência, aceitam ou ainda estão em processo de aceitação de seus(suas) filhos(as), sendo observada alta recusa dos pais em falar sobre o assunto. Os irmãos dos homossexuais desempenharam um papel importante no sentido de promover maior aproximação entre os membros e ajudar os genitores no processo de aceitação. Alguns movimentos de preconceitos velados puderam ser apreendidos, tornando lícita a afirmação de que a aceitação é um processo construído ao longo do tempo e das experiências em família. Apesar das especificidades de cada núcleo, de forma geral, nos dois estudos, notou-se que a maior parte das famílias, depois de um tempo após a revelação, conseguiu aceitar a orientação sexual ou, pelo menos, elaborar uma convivência harmoniosa com os(as) filhos(as). (CAPES)

Palavras-chave: *coming out*, comportamento sexual, família, homossexuais.

ABSTRACT

Considering the new perspectives on male and female homosexuality and the coming out process the general goal of this dissertation was to investigate how the revelation of the sexual orientation of young adult homosexuals has reverberated on the family dynamics from the perspective of their parents, siblings and the homosexuals themselves. These are two studies, one integrative revision of the scientific literature, and the other of multiple, cross-sectional cases supported by the qualitative research approach. Specifically, Study 1 aimed to understand, through an integrative review of the literature, the repercussions of disclosure of sexual orientation on the family relationships of young adult homosexuals. From the databases LILACS, MEDLINE, PePSIC, PsycINFO and SciELO (published between January 2006 and May 2016), 38 articles were retrieved. Qualitative studies with homosexual people predominated, which limited the knowledge of the coming out for the family, since only one member was heard. It was noted that families were surprised by the revelation, taking time to elaborate the new paths their children had taken, as well as to understand the changes in their dreams for them. Cases in which young people sought the social network as a reference of support in the coming out process were also observed. From the analysis, it is noticeable the need for new studies that cover the theme in order to increase the visibility of the process of disclosure of sexual orientation. Study 2, in turn, aimed to get to know the perceptions of mothers, fathers, siblings and homosexuals about the repercussion of the coming out in the family. Using the in-depth interview and Escort Diagram, eight cases (eight homosexuals and their respective families - fathers, mothers and siblings) were investigated, a total of 24 participants. The interviews and diagrams were submitted to the analysis of thematic content, in which two axes / categories could be constructed, aiming to locate similarities and differences between the cases: 1) The perceptions of mothers, fathers and siblings about the coming out: the beginning and the process of disclosure of sexual orientation and 2) homosexuality and its repercussions on the life of gays and lesbians in the family nucleus. Families, with some difficulty and resistance, accept or are still in the process of accepting their children, with high refusal by parents to talk about it. Siblings of homosexuals played an important role in promoting greater rapprochement among members and helping parents in the process of acceptance. Some veiled prejudice movements could be understood, making the claim that acceptance is a process built over time and family experiences licit. Despite the specificities of each nucleus, in general, in both studies, it was noticed that most of the families, after some time after the revelation, were able to accept the sexual orientation or at least to develop a harmonious coexistence with the children. (CAPES)

Palavras-chave: *coming out*, sexual behaviour, family, homossexuals.

APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Percurso da pesquisadora e da pesquisa

No primeiro semestre de 2011, na aula de Metodologia Científica, fui apresentada à disciplina que foi minha porta de entrada para chegar até aqui. Foi assim que conheci a pesquisa. Parecia tudo muito complexo, difícil, quase impossível de concluir. Mas aos poucos fui compreendendo as dinâmicas que circundam a área e a identificação foi instantânea. Escrevi meu primeiro artigo de revisão e o Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin me convidou para submetê-lo à publicação. Ali nasceu a oportunidade de desbravar novos horizontes, conhecer técnicas, verificar se e de que modo a pesquisa fidedigna acontece e assim por diante. Quando percebi, a pesquisa estava em mim. Logo em seguida, cursei a disciplina de Modelos de Pesquisa, também com o Prof. Fabio, que logo me convidou para fazer iniciação científica. Inicialmente pesquisei sobre os CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) e a saúde mental¹, pois foi algo que chamou minha atenção no primeiro ano de graduação.

Contudo, ao começar a escrever o projeto acerca do tema, notei que não era essa área de pesquisa que gostaria de seguir, embora soubesse da importância de novos estudos sobre a temática. Foi aí que o Prof. Fabio sugeriu pesquisar sobre o universo da homossexualidade, especificamente dos jovens adultos homossexuais. Aceitei a proposta sem pensar duas vezes. Ganhei fôlego para escrever o projeto e submetê-lo ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM. Tudo muito novo para mim. Ao mesmo tempo que estava feliz por estar iniciando uma atividade científica, no fundo eu não fazia ideia da dimensão dessa escolha. Resolvemos conhecer acerca do relacionamento estável entre homossexuais masculinos. E assim que o CEP aprovou, rapidamente recrutei meus participantes e realizei 17 entrevistas em 11 dias. Nem eu sei explicar como consegui fazer isso! E lá se foram meses e meses transcrevendo,

¹ Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., & Peres, R. S. (2013). Mental health in the Unified Health System: Mapping the contributions from the Psychosocial Care Centers. *SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 9(2), 95-102.

uma atividade que parecia nunca ter fim. Mas venci. A pesquisa por esse tema sempre foi motivadora, pois gostaria de poder conhecer mais sobre o assunto e seus desdobramentos. Consegui minha primeira bolsa de iniciação científica, o que me deixou extremamente feliz. A primeira coisa que comprei foi o gravador, meu grande companheiro de pesquisa. Particpei de eventos científicos em outras cidades e pude ter vivências pessoais muito significativas durante este trajeto. Foi a primeira vez que passei mais dias fora de casa por conta de viagens para apresentar trabalhos, conheci o mar e meu parceiro de sonhos e realizações.

A iniciação científica me proporcionou diversos crescimentos pessoais e profissionais, além de artigos submetidos e publicados². Pesquisar e conhecer as nuances que a ciência nos traz é importante para a expansão dos conhecimentos que nos são apresentados em sala de aula, porque nos possibilita aprofundar em assuntos e conhecer sempre mais. Concomitantemente à iniciação científica, também fui monitora nas disciplinas de Modelos de Pesquisa, Dinâmicas da Instituição Familiar e em Seminários de Pesquisa II, o que me reacendeu em um desejo de infância: ser professora.

Um pouco antes de concluir a graduação, em 2015, foram iniciadas as atividades do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFTM. Não pensei duas vezes, de novo, para iniciar um novo projeto, mantendo a temática da homossexualidade, mas agora expandindo para conhecer, além das histórias dos próprios homossexuais, também “emprestar meus ouvidos” às suas famílias para compreender o processo do *coming out* – revelação da orientação sexual. Escolhi a linha de pesquisa em Psicologia e Família, e a partir daí os

² Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 547-563.

Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. Homossexualidade e família de origem: a perspectiva de homossexuais masculinos. Artigo aprovado para publicação na REFACS - Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social.

Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. Significados atribuídos ao relacionamento amoroso estável em jovens homossexuais do sexo masculino. Artigo submetido e em avaliação.

estudos se intensificaram para a prova do processo. Contudo, minha nota do inglês que era para ter em mãos em 15 dias demorou dois meses para sair, o que me fez perder o prazo e a oportunidade de tentar entrar no mestrado na primeira turma. Claro que fiquei muito chateada, mas não deixei de acreditar nessa possibilidade. Segui minha vida atuando como psicóloga clínica e logo abriu um novo edital para o processo no mestrado. Logo me inscrevi, estudei e foquei para passar. Fiz a prova, passei para as próximas fases e fui aprovada em primeiro lugar. A sensação de gratidão, felicidade, esperança e vitória foram inexplicáveis. E para completar a alegria, consegui uma bolsa da CAPES para financiar meus estudos.

Novamente fui para sala de aula, agora como psicóloga, em busca de novos desafios. Foram aulas muito intensas, conteúdos que aprofundaram no que a graduação proporciona, o que me fez acreditar que estava no caminho certo. Reescrevi meu projeto inicial do mestrado e o submeti ao CEP. Dessa vez foram 24 entrevistas em menos de dois meses. O grau de dificuldade da coleta aumentou. Agora os participantes foram pais, mães, irmãos, além dos próprios homossexuais. Também tive a oportunidade de realizar meu estágio em docência na disciplina que me despertou para toda essa realidade – Metodologia Científica. É chegado o momento de fechar mais este ciclo, defendendo a dissertação que iniciou comigo há quase sete anos, que ganhou forças e cresceu.

Tema investigado

O *coming out* pode ser entendido como um conjunto de modelos que visam a conhecer o modo como se desenvolvem as identidades sexuais não normativas, como, por exemplo, no caso dos(as) homossexuais (Carneiro, 2009; Savin-Williams & Ream, 2003). E, neste sentido, o *coming out* na família pode variar, sendo que, em alguns lares, é um processo benéfico não só para quem revela, mas também para quem fica ciente da orientação sexual ou, em outros casos, pode acarretar uma série de fatores negativos, como a rejeição, exclusão,

depressão, dentre outros (Pérez-Sancho, 2005). Para Frazão e Rosário (2008), o *coming out* tem recebido algumas definições e Carneiro (2009) o compreende como sendo “um processo complexo e reformulante da consciência individual como *gay* ou lésbica que apela, simultânea e complementarmente, à possibilidade de o sujeito se perceber e definir como homossexual e de revelar a outrem a sua homossexualidade” (p. 153). Sendo assim, nota-se que o *coming out* não se trata apenas de um componente pessoal, mas também apresenta uma vasta dimensão social, o que implica a percepção da família diante do processo, bem como sua participação de modo ativo – negativo ou positivamente – diante da revelação. A família se faz importante não apenas diante do *coming out*, mas de um modo geral na vida dos indivíduos. Mas no que tange a revelação da orientação sexual, a família pode ser acolhedora ou não perante o ente que revela, acarretando uma série de fatores na vida dos envolvidos. Pode ser que, ao ter uma família acolhedora, o indivíduo tenha mais recursos para ter uma melhor qualidade de vida, ou quando não acolhido, pode recorrer às drogas e outros meios ilícitos para ao menos tentar vivenciar essa fase de modo menos doloroso (Costa, Pereira, Oliveira, & Nogueira, 2010; Oliveira, Pereira, Costa, & Nogueira, 2010; Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001; Venâncio, 2010).

A partir deste cenário e com intuito de explorar as publicações pertinentes à temática, no Estudo 1, como um procedimento inicial de pesquisa, realizou-se uma Revisão Integrativa da Literatura Científica, em maio de 2016. Este estudo, intitulado “A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica”, foi aceito para publicação na revista *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto) (Anexo A). Este artigo contribuiu para conhecer os estudos nacionais e internacionais realizados sobre a temática, o que proporcionou melhor embasamento para o estudo empírico a ser desenvolvido na Dissertação (Estudo 2). Por meio da revisão, pode-se observar o grande número de estudos realizados no exterior em comparação aos realizados no Brasil, o que motivou a busca por

novos dados a partir do Estudo 2. Para a pesquisa empírica, foi realizado contato com a rede de contatos dos pesquisadores, a fim de recrutar os participantes. Vale ressaltar que a rede de contatos não foi selecionada para participar da pesquisa, apenas para indicar possíveis entrevistados. Para participar da pesquisa, os entrevistados deviam se enquadrar nos seguintes critérios: (a) os sujeitos-focais foram homossexuais de ambos os sexos, com idade entre 18 e 30 anos, que revelaram aos familiares a sua orientação sexual homossexual; (b) também foram convidados a participar do estudo os núcleos familiares desses sujeitos-focais, especificamente seus genitores (pai e/ou mãe) e irmãos(ãs) acima de 18 anos de idade; (c) não houve critérios de inclusão/exclusão quanto aos aspectos socioeconômicos e de escolaridade; (d) não foi observado um tempo mínimo desde a revelação da homossexualidade aos familiares, a fim de ampliar as possibilidades de acesso a essas famílias. Todas as 24 entrevistas foram coletadas no período de um mês e meio. As entrevistas aconteceram individualmente e, em sua maioria, os entrevistados pediram para conversar em suas próprias casas, bem como outros preferiram na clínica-escola da instituição de origem dos autores.

Esta pesquisa buscou por elementos relacionados às percepções e vivências das famílias diante do *coming out*. Em termos das especificidades da coleta, os(as) jovens foram bastante solícitos ao convite para participar da pesquisa, mas a maioria fez a ressalva de que não gostaria de convidar o pai para participar, o que foi justificado devido a dificuldades do genitor falar sobre o assunto e também pelo fato de ainda se encontrar em processo de aceitação da orientação sexual do(a) filho(a). Na literatura científica, é entendido que o pai costuma ser a figura que mais apresenta dificuldades em aceitar a orientação sexual do(a) filho(a) (Costa, Oliveira, & Nogueira, 2010). Assim, o Estudo 2 teve como objetivo conhecer as percepções de mães, pais, irmãos(ãs) e dos(as) homossexuais acerca da repercussão do *coming out* na família.

Em termos teóricos, o processo do *coming out* apresenta suas variações de acordo com cada família, bem como cada membro também apresenta suas particularidades. Sendo assim, entende-se que cada núcleo familiar e cada membro que a compõe necessitam de diferentes intervenções no processo do *coming out*, a fim de que cada um, em sua subjetividade, tenha sua demanda elaborada de acordo com aquilo que precisa ser trabalhado. Os entrevistados, em sua maioria, fizeram questão de explicitar sua satisfação em poder falar sobre o assunto, exaltando a necessidade de se ter mais oportunidades de explorar a temática. Como embasamento teórico para análise dos dados, foram escolhidos estudos relacionados à área de homossexualidade, *coming out*, questões de gênero, família, sexualidade, entre outros, tanto no contexto nacional como no internacional, a fim de conhecer e explorar os estudos já realizados e enriquecer a pesquisa com observações e discussões mais aprofundadas acerca do tema investigado. Os estudos que serviram como base para a análise passaram por leituras exaustivas para que melhor pudessem contemplar a demanda das entrevistas (Hauer & Guimarães, 2015; Hoffarth & Bogaert, 2017; Laghi, Baiocco, Baumgartner, Marasco, Fontanesi, Santamaria, & Willoughby, 2015; Manning, 2015; Miskolci, 2015; Perrin-Wallqvist, & Lindblom, 2015; Robbins, Low, & Query, 2016).

Por fim, justifica-se a importância dos estudos que compõem a presente Dissertação, sobretudo na Psicologia, avançarem na produção da literatura que abarque questões inerentes ao processo do *coming out*, mais precisamente no contexto familiar. Nesse sentido, refletir acerca das repercussões da revelação da orientação sexual na visão da maior parte dos envolvidos neste processo se fez necessário, haja vista a importância de compreender posicionamentos, dificuldades e potencialidades desse processo.

ESTUDO 1

A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica³

Revealing one's homosexuality to one's family: an integrative review of the scientific literature

Resumo

A revelação da homossexualidade (*coming out*) no contexto familiar é um tema ainda pouco investigado na literatura científica. O presente estudo teve por objetivo apresentar uma revisão integrativa da literatura científica, a fim de compreender quais as repercussões da revelação da orientação sexual nas relações familiares de jovens adultos homossexuais. A partir das bases LILACS, MEDLINE, PePSIC, PsycINFO e SciELO (janeiro/2006-maio/2016), foram recuperados 38 artigos. Predominam estudos qualitativos com pessoas homossexuais. Estudos também avaliam a participação e os sentimentos que acarretam a revelação nas famílias, sendo observado contextos em que os conflitos prevaleceram e outros nos quais houve acolhimento por parte dos entes. Também foram observados casos em que jovens buscaram a rede social como uma referência de apoio no processo de *coming out*. Nota-se a necessidade de novos estudos acerca da temática, ampliando a visibilidade desse processo.

Palavras-chave: *coming out*, comportamento sexual, família, homossexuais.

³ O presente estudo foi aceito para publicação na revista Temas em Psicologia/Trends in Psychology (Ribeirão Preto). O artigo será publicado no idioma inglês, no ano de 2018. A apresentação do Estudo 1 segue as normas da revista Temas em Psicologia.

Abstract

The coming out in the family context is a subject that hasn't been widely investigated by the scientific literature. This study aimed to present an integrative review of the scientific literature to understand the repercussions of homosexual young adults revealing their sexual orientation to their families. 38 articles were recovered from the LILACS, MEDLINE, PePSIC, PsycINFO and SciELO databases (January/2006-May/2016). Qualitative studies with homosexuals predominate. Studies also assess the participation and feelings resulting from coming out to the family with contexts in which conflicts prevailed were observed, and others in which there was acceptance by family members. Cases in which young people turned to social networks as a support reference in the *coming out* process were also observed. There is notably a need for new studies on the subject increasing the visibility of this process.

Keywords: coming out, sexual behavior, family, homosexuals.

Na contemporaneidade, nota-se uma maior visibilidade nas questões que abarcam as relações amorosas e seus modos de expressão tanto afetivas quanto de intimidade sexual. Tal movimento é advindo da retroalimentação das mudanças culturais e históricas e dos padrões que delimitam as relações sociais, o que possibilita maiores discussões acerca das questões de gênero e das sexualidades, bem como suas repercussões na vida dos homossexuais e suas famílias (Lomando & Wagner, 2009; Nascimento, Scorsolini-Comin, Fontaine, & Santos, 2015; Prado & Machado, 2012). Os estudos acerca a temática LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) se configuram hoje como um campo consolidado de pesquisa, adquirindo cada vez mais espaço no âmbito acadêmico e legitimidade junto aos movimentos sociais (Lomando, Wagner, & Gonçalves, 2011).

Sendo assim, temas relacionados às questões de gênero e sexualidade repercutem a partir das lutas sociais, como as relacionadas ao movimento LGBT, que vem, por meio de suas ações, conquistando espaços e direitos para este público (Victora & Knauth, 2004). No que tange ao gênero, para Butler (2003), é um processo que não apresenta origem nem fim, sendo considerado algo que é “feito” e não algo que se “é”. A autora afirma que “todo gênero é, por definição, não natural” (p. 35), entendendo que sexo, gênero e orientação sexual não estabelecem uma relação mútua. De acordo com Martins, Romão, Lindner e Reis (2010), a sexualidade pode ser compreendida como “elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto, até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade” (p. 9). Tais formas estão ligadas às dimensões da vida social na reprodução e produção dos valores referentes à vida coletiva (Prado & Machado, 2012).

As relações homossexuais vêm ganhando espaço e visibilidade na literatura científica, em uma postura de se combater preconceitos e promover uma cultura de maior tolerância e respeito à diversidade (Nascimento et al., 2015). No que tange à revelação da orientação sexual (*outness* – refere-se ao assumir-se homossexual para si mesmo e *coming out* refere-se ao processo da revelação da orientação sexual, comumente chamado de “sair do armário”) e as relações familiares, nota-se que é um desafio para o indivíduo que quer contar para a família, uma vez que há o temor de ser rejeitado pelos familiares e pela sociedade. Pensa-se na frustração que poderá causar à família por não corresponder às expectativas deles, tendo em vista que, de modo heteronormativo, a homossexualidade contraria a construção sociocultural a respeito de si mesmo e do homem e da mulher heterossexuais, na qual o esperado era a afirmação da continuação de uma sociedade patriarcal, racionalizadora, higienizada e preocupada de modo a não propagar qualquer tipo de ameaça de grupos minoritários que afetem a moral das famílias tradicionais (Maffesoli, 2007; Miskolci, 2015).

Para Martins et al. (2010), a heteronormatividade é compreendida como uma “expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual” (p. 12), ideia complementada por Mélo (2012), que a relaciona diretamente com os papéis de gênero esperados para homens e mulheres.

Assim, a família é vista como o maior alicerce para que o sujeito possa revelar sua orientação sexual perante si mesmo e a sociedade. Contudo, podem estar mais expostos a experiências de preconceitos e homofobia, o que pode associar a problemas de saúde mental e física (Zimmerman, Darnell, Rhew, Lee, & Kaysen, 2015). Em contrapartida, a ocultação da orientação sexual pode acarretar sérios problemas de diversas ordens, como, por exemplo, sociais, comportamentais e psíquicos, o que limita o acesso à busca por apoio social e ocasionar a autoestima baixa (Meyer, 2003). A revelação da orientação sexual pode permitir que o sujeito se sinta protegido pela família e pelas pessoas que o cercam na sociedade e que mantenham bons resultados de saúde de modo geral, além de vivenciar e sentir o apoio recebido. Há figuras neste processo que podem colaborar para que o *coming out* seja melhor recebido, como, por exemplo, a ajuda de irmãos e da família extensa para lidar com as novas questões apresentada à família nuclear (Corliss, Austin, Roberts, & Molnar, 2009).

Vale ressaltar que o processo do *coming out* passa por uma série de movimentos, desde a “saída do armário” até a persistência em continuar “no armário” mesmo o(a) homossexual sendo assumido(a). A aceitação da homossexualidade passa por oscilações e se trata de um processo contínuo, variando entre aceitar, aceitar parcialmente ou não aceitar, crises de culpa, ressentimento ou acolhimento, devido ao fato de que cada família tem sua rede de apoio, suas crenças e culturas pré-estabelecidas, bem como cada processo de aceitação pode receber auxílios distintos e ter vivências diferenciadas umas das outras, não podendo, deste modo, generalizar como se dá este processo. Isto se justifica por uma série de questões sociais, como, por exemplo, o sigilo da homossexualidade perante os colegas de

trabalho ou para ser incluso em um determinado grupo. Tal movimento alimenta a ideia de que os sentimentos e desejos por pares homossexuais devem ser mantidos em “segredo, conformando-o a expectativas historicamente criadas de que essas relações deveriam permanecer invisíveis no espaço público e restritas à vida privada dos envolvidos” (Miskolci, 2013, p. 303), ou seja, perante a sociedade o sujeito “macho” deve impor sua masculinidade, deixando sua sexualidade de lado e reforçando a opressão *gay*.

A homossexualidade, quando revelada à família, pode vir a ser um problema nas relações, uma vez que, diante do *coming out*, não apenas o sujeito “sai do armário”, mas também toda a família será “revelada” perante a sociedade. Para os jovens que decidem pelo *coming out*, a frustração pode ser grande diante do impacto causado aos familiares, que, em muitos casos, não conseguem tornar o ambiente acolhedor, do modo que é esperado por esta instituição. Comumente, os familiares exteriorizam agressões, ameaças e outros muitos tipos de violências que evidenciam a intolerância, frustração e medo por se depararem com a existência de um(a) filho(a) homossexual e, perante este retrato, nota-se que o sofrimento não está apenas naquele que revela, mas também, nas pessoas que recebem esta informação, podendo gerar conflitos internos e externos para todos os envolvidos no processo (Balsam & Mohr, 2007; Detrie & Lease, 2007; Rosario, Schrimshaw, & Hunter, 2011).

Pode-se pensar também na dificuldade dos pais e familiares em lidarem com estas questões, sendo que muitas vezes eles mesmos estão cercados por medos e não se sentem à vontade para conversarem e lidarem com questões ligadas à sexualidade de um modo geral (Zimmerman, Darnell, Rhew, Lee, & Kaysen, 2015). A partir desse panorama, o presente estudo tem por objetivo compreender quais as repercussões da revelação da orientação sexual nas relações familiares de jovens adultos homossexuais. Busca-se, dentro do paradigma da prática baseada em evidências – PBE (Mendes, Silveira, & Galvão, 2008), reunir as melhores evidências empíricas para a compreensão desse fenômeno, priorizando as publicações em

periódicos científicos de qualidade e, conseqüentemente, para fornecer suporte a intervenções e pesquisas nesse domínio.

Método

Tipo de estudo

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional. A revisão integrativa tem por finalidade reunir e sintetizar resultados de pesquisas acerca de um determinado assunto ou tema, de modo sintetizado e ordenado, sendo uma das ferramentas mais empregadas no contexto da PBE. De acordo com as recomendações para a realização da revisão integrativa e partindo da busca pelas melhores evidências (Mendes, Silveira, & Galvão, 2008), a questão norteadora do presente estudo foi definida a partir do método PICO (P=participantes; I=intervenção; C=comparação; O=resultado) (Santos, Pimenta & Nobre, 2007). A pergunta formulada recebeu a seguinte redação: Quais as repercussões da revelação da orientação sexual (O) nas relações familiares (I) de jovens adultos homossexuais (P)?

Bases indexadoras e unitermos empregados

As bases empregadas foram LILACS, MEDLINE, PePSIC, PsycINFO e SciELO. Os descritores consultados foram: *coming out*, comportamento sexual, família, *gays*, homossexuais, homossexuais femininas, homossexuais masculinos, homossexualidade, LGBT, *outness*, rede de apoio, relações familiares, revelação da orientação sexual. A fim de justificar a escolha das nomenclaturas, destaca-se que a homossexual feminina – ou lésbica – é aquela “mulher que é atraída afetivamente e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero” (Martins et al., 2010, p. 14). O homossexual masculino é um homem que se sente atraído “sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo/gênero” (Martins et al., 2010, p. 14). Ainda para esses autores, a orientação sexual “refere-se à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por

indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas” (p. 10). No presente estudo, optou-se pela utilização do termo “orientação sexual”, a fim de restringir as buscas apenas para os casos de descoberta da homossexualidade masculina ou feminina, não adentrando nos demais campos das sexualidades, como no caso de pessoas bissexuais ou transexuais/transgêneros/travestis, por exemplo. Destas palavras, foram feitas combinações, para ampliar a busca dos dados. As combinações foram: homossexualidade AND relações familiares; *gays* AND rede de apoio; revelação da orientação sexual AND família; *gays* AND relações familiares; rede de apoio AND revelação da orientação sexual; *coming out* AND família. Vale ressaltar que os descritores homossexualidade, homossexuais, homossexuais femininas, homossexuais masculinos, *gays*, comportamento sexual, e relações familiares foram encontrados nos descritores BVS, de modo que os descritores LGBT, revelação da orientação sexual, família, rede de apoio, *outness* e *coming out* foram selecionados por meio de estudos que os utilizaram em suas palavras-chaves.

Critérios de inclusão e de exclusão

Os critérios de inclusão foram: (a) artigos indexados publicados em periódicos científicos, conforme recomendações do método de revisão a partir da PBE (Mendes, Silveira, & Galvão, 2008); (b) redigidos nos idiomas português, inglês e espanhol; (c) publicados no período de janeiro de 2006 a maio de 2016; (d) com temática pertinente ao objetivo da revisão e que respondesse à questão norteadora. Artigos que não correspondiam ao objetivo do presente trabalho foram descartados, haja vista seu baixo grau de fornecimento de evidências para a prática. Os critérios de exclusão adotados foram: (a) livros, capítulos de livro, cartas, resenhas, notícias, anais de congressos, editoriais, dissertações e teses; (b) artigos publicados no período anterior a 2006; (c) estudos que se distanciem do objetivo e não respondam à questão norteadora; (d) artigos de revisão de literatura.

Procedimento

Coleta de dados. O levantamento dos dados foi realizado no mês de maio de 2016. Após as buscas iniciais, com os unitermos e suas combinações, foram aplicados os filtros dos critérios de inclusão e de exclusão. Os estudos, então, foram analisados novamente em termos de títulos e resumos, em um novo procedimento de filtragem de evidências, procedimento este realizado por dois juízes independentes. A partir desse crivo, os estudos foram recuperados e lidos na íntegra, a fim de proceder a uma nova seleção, agora mais pormenorizada e a partir do texto completo. Estes procedimentos foram realizados por dois juízes independentes, ambos psicólogos que trabalham com a temática. Os casos de discordância foram analisados por um terceiro juiz. Após esse processo, os artigos que compuseram o *corpus* foram reunidos, organizados em uma planilha em termos de títulos, autores, ano de publicação, objetivos, instrumentos, amostra, principais resultados, conclusões e limites/potencialidades. A partir desses elementos, os artigos foram discutidos, tendo em vista os procedimentos analíticos da revisão integrativa (Mendes, Silveira, & Galvão, 2008).

Análise dos dados. O *corpus* final foi organizado em uma planilha de Excel, destacando, para cada artigo recuperado na amostra final, os seguintes aspectos necessários para identificação do perfil das publicações: título, autores, instituição de origem dos autores, ano de publicação, periódico, objetivo, método/tipo de estudo, amostra, instrumentos, principais resultados, principais conclusões, limites e potencialidades/contribuições e lacunas para novos estudos. A apresentação da revisão/síntese do conhecimento pautou-se nas recomendações do sistema PRISMA a partir dos critérios preconizados em sua lista de verificação (Moher, Liberati, Tetzlaff, Altman, & PRISMA Group, 2009). Sendo assim, os artigos que compõem o *corpus* final foram analisados a fim de responder à questão norteadora. Foram elaboradas, mediante os resultados das pesquisas nas bases de dados e a

questão norteadora, duas categorias, a fim de que, em cada uma delas, fossem discutidos os artigos que tenham temática semelhante. Vale ressaltar que não foram levados em consideração marcadores sociais para a seleção dos estudos, bem como este ponto não foi elencado para a composição do *corpus* e para a formação das categorias de análise. Desse modo, foram construídas as seguintes grandes categorias: 1) Homossexualidade e família: *outness* e o processo de *coming out* e 2) A família diante do processo de *coming out* do(a) filho(a). Tais categorias serão exploradas na seção de Discussão.

Resultados

Os processos de busca, seleção e recuperação de evidências estão sumarizados no fluxograma (Figura 1). O *corpus* final foi composto por 38 artigos. O ano de maior evidência foi de 2014, com 21% das publicações, seguido pelo ano de 2015 com 18%. Nota-se que grande parte dos estudos (73%) foram realizados após o ano de 2010, o que nos indica que a homossexualidade vem ganhando mais espaço e força na literatura científica nos últimos seis anos. Vale ressaltar também que os maiores números de publicações estão escritos e na língua inglesa (42%), bem como a maioria foi realizada nos Estados Unidos. Este fator nos mostra que, na literatura internacional, a revelação da orientação sexual na família já está sendo pesquisada há mais tempo e há mais estudos acerca da temática.

A origem dos autores contemplou os países como Alemanha, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos, Israel, México, Porto Rico, Portugal e Turquia, sendo que o Brasil representa 44% da amostra. O periódico que mais apareceu entre as publicações foi *Temas em Psicologia* (7,8%), seguido por *Estudos de Psicologia* (5,2%) e *Professional Psychology: Research And Practice* (5,2%). Os demais periódicos apareceram apenas uma vez cada, representando, assim, 2,6% da amostra cada um. Nota-se que os estudos relacionados ao *coming out* estão sendo investigados no Brasil e publicados em periódicos ligados à

Psicologia. Percebe-se que os estudos acerca do processo de revelação da orientação sexual ainda são poucos se comparados ao número de estudos relacionados à homossexualidade que, em sua maioria, abarcam questões ligadas temáticas como HIV e outras patologias, saúde pública, saúde mental, álcool e drogas, comportamento de risco, imagem corporal, suicídio, homoparentalidade, teoria *queer*, entre outras.

As investigações qualitativas representam 73,6% da amostra, sendo 26,4% representando os estudos quantitativos. Em sua maioria, os estudos qualitativos utilizaram entrevistas semiestruturadas (Ceballos-Fernández, 2014; Entegoff & Daiute, 2013; Soliva & Silva Junior, 2014), questionários (Poeschl, Venâncio, & Costa, 2012) e processos clínicos (Diamond & Shpigel, 2014; Frazão & Rosário, 2008). Já os estudos quantitativos utilizaram, em sua maioria, escalas (Santos & Fernandes, 2009) e questionários (Cadieux & Chasteen, 2015).

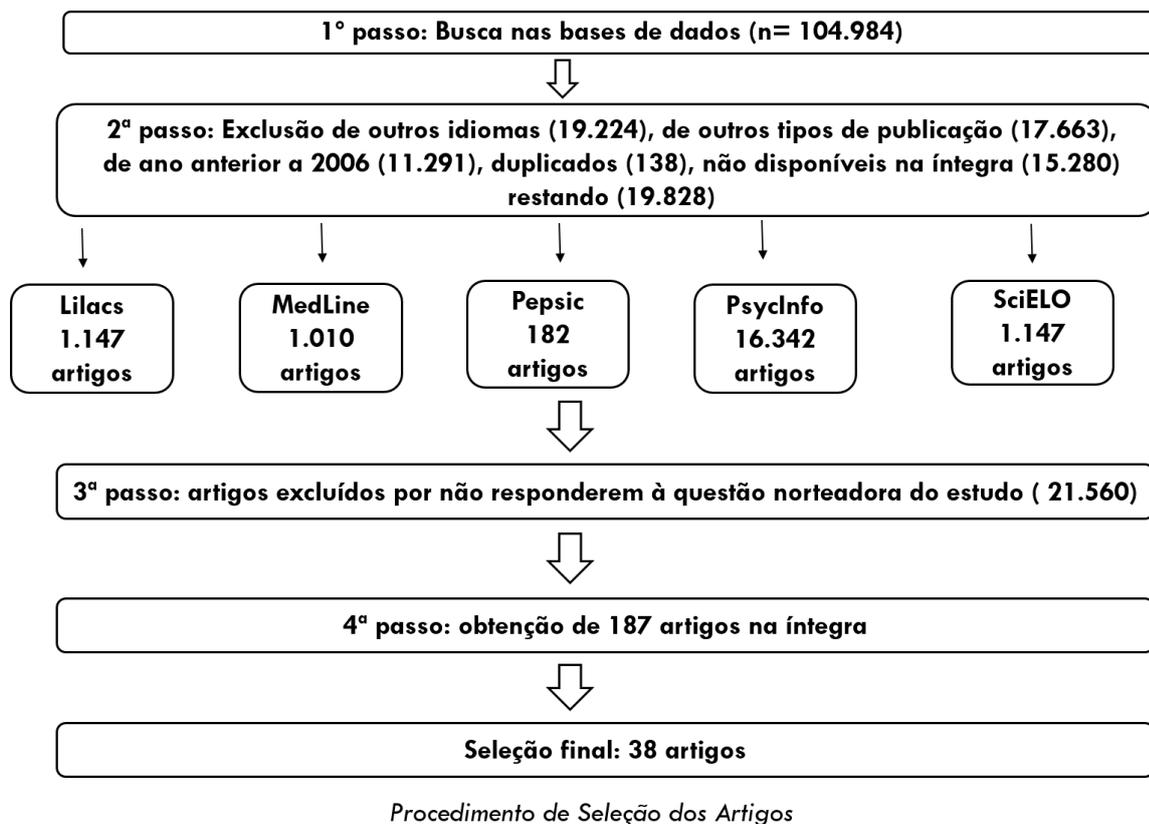


Figura 1. Fluxograma de busca, seleção e elegibilidade dos estudos.

Os principais objetivos dos artigos foram investigar as repercussões da homossexualidade na vida de *gays* e lésbicas (Ceballos-Fernandéz, 2014; Silva, Frutuoso, Feijó, Valerio, & Chaves, 2015), compreender a dinâmica familiar durante o processo de *coming out* (Palma & Levandowski, 2008; Santos, Brochado Junior, & Moscheta, 2007) e também os preconceitos enfrentados pelos homossexuais dentro e fora do contexto familiar (Santos & Fernandes, 2009; Toledo & Teixeira Filho, 2013).

Discussão

Homossexualidade e família: *outness* e o processo de *coming out*

Nota-se que os estudos selecionados abarcam a revelação da orientação sexual tanto de *gays* como também de lésbicas, nos contextos familiar, profissional e pessoal, permitindo conhecer e identificar questões ligadas ao processo de *coming out* – sua revelação ou ocultação da homossexualidade, também conhecido como o processo de “saída do armário”. A “saída de armário” ou sua permanência nele pode ocasionar ao homossexual uma série de contrapontos, de modo que a revelação da orientação sexual pode ser baseada de acordo com o ambiente em que o sujeito estiver inserido, como, por exemplo, se o ambiente for acolhedor e receptivo, a revelação pode acontecer, se o ambiente for hostil, o “armário” poderá permanecer fechado neste caso (Miskolci, 2013; Silva & Rodrigues, 2012). Desse modo, constata-se que nem sempre o *coming out* acontece, devido a questões que poderão ser elencadas nesta categoria. Identifica-se que estes grupos buscam apoio na sociedade visando se sentirem acolhidos para que revelem sua orientação sexual, sendo a família vista como a fonte de possível acolhimento de seus filhos, o que nem sempre ocorre e que pode favorecer que o indivíduo permaneça “no armário”.

Para Guardarrama e Alfonso (2012), de acordo com a fala de homens homossexuais entrevistados, um dos pontos para a demora em “sair do armário” é a falta de informações e

de discussões acerca da homossexualidade, o que retardou a revelação e o processo de aceitação dentro das famílias de cada participante. Já no estudo de Costa, Machado e Wagner (2015), os homossexuais entrevistados apresentaram maior tendência em revelar a orientação sexual para a família e amigos, confiantes de que seriam aceitos e que poderiam encontrar nestas pessoas um ponto de apoio e refúgio, não sendo vistos como possíveis fontes de preconceitos e discriminações. Para estes entrevistados, o preconceito só foi observado em ambientes externos ao familiar, como no trabalho.

Um ponto relevante é de que a família se preocupa com os preconceitos que o(a) filho(a) poderá sofrer, o que não garante que o preconceito não acontecerá dentro da própria casa. Há preconceitos velados, como, por exemplo, dizer que não discrimina o filho, mas que é bom que esta informação permaneça apenas entre eles, reforçando a tese da manutenção do segredo relacionado à intimidade dentro do ambiente privado, como se os afetos não pudessem ser visíveis na esfera pública (Miskolci, 2013).

A partir desses estudos (Costa, Machado, & Wagner, 2015; Guardarrama & Alfonso, 2012), nota-se que, se houvesse mais discussões e informações acerca da homossexualidade, a possibilidade da quebra de paradigmas e preconceitos poderia ocorrer, de modo que tanto os homossexuais quanto suas famílias pudessem passar pelo processo de aceitação de forma menos dolorosa. Vale refletir, ainda, acerca da expectativa e da realidade vividas pelos(as) homossexuais que optam pelo processo de *coming out*, mesmo que seletivo, a fim de que possam buscar apoio em amigos ou instituições que os acolham, de fato, sem preconceitos.

Há que se considerar que, historicamente, criou-se a ideia de que a homossexualidade era uma sexualidade “indevida”, sendo considerada subordinada aos outros grupos que possuem formas distintas de pôr em prática as suas sexualidades (Silva Neto & Strey, 2007). Foi pregada uma forma considerada “mais adequada” e “natural” de se praticar as relações sexuais, sendo considerado inadequado e pervertido tudo aquilo que fosse diferente da ideia

inicial – a procriação. A homossexualidade, anteriormente chamada de “homossexualismo” – o que dá ideia de patologia – estava na lista de atos pervertidos (Lomando & Wagner, 2009). Dessa forma, a *American Psychology Association*, em 1970, juntamente com o Conselho Federal de Medicina Brasileiro, em 1985, e com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1993, passaram a não mais considerar a homossexualidade como um “desvio de transtorno sexual” e, diferentemente disso, constataram que a homossexualidade não se constitui como doença ou mesmo perversão (Mott, 2006), mas uma orientação (Martins et al., 2010).

Em estudo apenas com lésbicas, identificou-se que elas veem a família como um núcleo fundamental para a revelação da orientação sexual, uma vez que elas se sentem fortalecidas para lutarem por seus ideais, tendo como ponto de apoio o lar. Caso passem por alguma discriminação social devido à orientação sexual, as entrevistadas contam que, com o suporte oferecido por pais e mães, conseguem lutar por seus direitos. A família também é vista como fundamental para que o sujeito se sinta acolhido e amparado para revelar a orientação sexual, o que lhe dá forças também para que se revele no local de trabalho e em outros locais externos ao seu lar (Palma, Piason, Bezerra, & Strey, 2010; Sabat, Trump, & King, 2014). Observa-se que com o público masculino nem sempre o discurso é o mesmo, sendo a discriminação mais perceptível nas falas analisadas, o que também pode estar relacionado às questões de gênero (Costa, Machado & Wagner, 2015; Simpson, Miranda, Mundo, & Azevedo 2007).

Reforçando a ideia de discriminação no núcleo familiar e contradizendo o estudo de Costa, Machado e Wagner (2015), Palma e Levandowski (2008) encontraram, durante as entrevistas com mulheres lésbicas, a percepção de que as famílias reagiram de modo negativo diante do processo de *coming out*, e, em alguns casos, houve melhora na postura depois de algum tempo e, em outros, ainda há pais e mães que não aceitam a homossexualidade da

filha, que é algo semelhante à realidade vivida por muitos homens entrevistados em outros estudos (Cadieux & Chasteen, 2015; Guardarrama & Alfonso, 2012). Tais reações negativas fizeram com que fossem pensadas em alternativas para ajudar tanto as lésbicas com suas famílias, como, por exemplo, atendimento psicológico para todos – pais e filhos –, de modo que colabore para a organização interna de toda a família.

Desse modo, o apoio psicológico para a família e para o(a) homossexual é essencial, a fim de que haja melhor compreensão e maior probabilidade da aceitação, tanto de quem revela, quanto para quem a recebe a informação. Estudos confirmaram o conflito entre pais e filhos após a revelação da orientação sexual, bem como ressaltaram que os apoios das redes são de suma importância para toda a família, a fim de que possam compreender e potencializar a aceitação da orientação do(a) filho(a) ou irmão(ã) (Cadieux & Chasteen, 2015; Jackson & Mohr, 2016; Arm, Horne, & Levitt, 2009). Vale ressaltar que a aceitação também é um processo. A aceitação pode acontecer de modo imediato, aos poucos, ou não ocorrer, assim como o *coming out*, que pode ser dito para nenhuma pessoa, poucas pessoas ou para todas as pessoas do círculo de amizade, não necessariamente ao mesmo tempo.

Em estudo realizado por LaSala (2013), mediante realização de processo terapêutico familiar com os núcleos envolvidos na pesquisa, concluiu-se que houve um choque entre vida familiar e a homossexualidade masculina e feminina e que a convivência entre os progenitores de ambos os sexos e filhos *gays* ou lésbicas geraram uma série de conflitos por não haver aceitação da orientação sexual do(a) filho(a). Desse modo, atenta-se para o desejo de aceitação como um processo pode ser um mecanismo de menor frustração para os(as) homossexuais que sofreram rejeição por parte da família e da rede social, uma vez que, com o tempo, as situações podem passar por mudanças positivas. Por ser um processo, há possibilidade de que após um tempo indeterminado as situações mudem, assim como o(a) homossexual também pode se decidir revelar ou não sua orientação sexual para mais pessoas

do que já possa ter revelado, destacando a noção do “armário” como um conceito fluido e em permanente movimentação (Miskolci, 2013; Sedgwick, 2007).

No estudo de Silva e Rodrigues (2012), nota-se o destaque para as dificuldades em “sair do armário”, citando que a sociedade molda a identidade e, por isso, tal revelação é algo que pode acarretar sérias tensões pessoais, no trabalho e no âmbito familiar. Tais tensões favorecem que o sujeito não revele sua orientação sexual, podendo gerar, em um futuro breve, situações de desafeto não só para ele(a), mas também para as possíveis parcerias formadas. Os entrevistados relataram as dificuldades em não se revelarem devido às cobranças que a família e a sociedade têm, como casar, ter filhos e os tipos de lugares que costumam frequentar, como no estudo de Passamani (2015), em que os homens entrevistados relataram acerca da vivência de um casamento heterossexual, terem filhos e serem homossexuais, mantendo relações extraconjugais. Também é vista a “criação de armários”, onde os indivíduos se escondem por detrás de conceitos sociais e religiosos, a fim de permanecerem “trancados em si” (Solórzano & Mendoza, 2014; Poeschl, Venâncio, & Costa, 2012; Sedgwick, 2007).

Vale destacar o estudo de Sedgwick (2007), na qual o autor retrata as questões ligadas ao manter-se no “armário” e o fato deste ser um assunto ainda não superado no que tange à abrangência de seus conhecimentos, ou seja, ainda há muito o que descobrir, vivenciar e conhecer acerca da homossexualidade e das questões ligadas à sexualidade. O autor refere-se ao “armário” como algo que em alguns casos os homossexuais se veem obrigados a voltarem em determinadas circunstâncias de sua vida, como, por exemplo, diante de um novo emprego, de um certo grupo de amigos e de familiares. Sendo assim, a criação do armário surge de acordo com a necessidade do(a) homossexual sair ou voltar para dentro dele.

Para Silva e Nardi (2011), o judiciário tem papel fundamental para que todos se sintam livres para vivenciarem sua sexualidade, não havendo discriminações devido à

orientação sexual. Sendo assim, pode-se observar que a revelação da orientação sexual se difere de família para família, se é uma revelação de homem ou mulher, e de modo geral, a homossexualidade ainda não é bem recebida pelas famílias, denotando uma imagem de “erro”, de discriminação, de culpa de ambos os lados, tornando o momento ainda mais conflituoso para as famílias. E nas famílias em que a notícia foi bem acolhida, nota-se o fortalecimento dos laços, bem como o menor risco de conflitos internos e externos. São recomendados mais estudos que avaliem o *coming out*, de modo a fomentar que as famílias conheçam outras histórias semelhantes, promovendo uma cultura de aceitação e acolhimento a partir do reconhecimento da diversidade.

A família diante do processo de *coming out* do(a) filho(a)

Estudos apontam que o processo de *coming out* de um(a) filho(a) pode acarretar diversas formas de violência dentro do âmbito familiar, podendo gerar situações de tensões diversas, ocasionando sofrimento psíquico e incertezas, o que contradiz, em muitos casos, as expectativas de acolhimento que o(a) jovem esperaria receber. Tem-se que o lar desses jovens acaba por ser o cenário de grandes conflitos, principalmente logo após a revelação da orientação sexual. Há uma tentativa da família em trazer o(a) jovem para a norma sexual hegemônica, o que traz mais sofrimento para todos os envolvidos. Um modo como os pais tentam resolver essa questão da revelação é por meio das violências física e psicológicas, o que pode colaborar para que a revelação seja adiada ou ocultada, dependendo do caso. Essa dificuldade encontrada na tentativa da revelação acontecer ou não pode ocasionar a não revelação e as consequências emocionais podem ser as mais diversas, além de proporcionar uma série de frustrações ao(à) jovem por não ter relevado a orientação sexual. Portanto, o lar acaba sendo um local de contradições, uma vez que se espera que nele tenha-se o apoio e refúgio diante das discriminações vindas da sociedade. O preconceito dentro da própria casa

pode ocasionar a ruptura do vínculo entre pais e filhos, o afastamento permanente ou definitivo e até mesmo a expulsão dos jovens de casa, o que costuma ser doloroso para todos (Ceballos-Fernández, 2014; Perucchi, Brandão, & Vieira, 2014; Santos & Fernandes, 2009; Soliva & Silva, 2014).

Em estudo acerca do processo de aceitação de mães diante da revelação da orientação sexual do(a) filho(a), nota-se que os homossexuais que recebem apoio da família conseguem de forma mais serena lidar com as questões ligadas à sua sexualidade (Oksal, 2008). De modo geral, há dificuldades da família em aceitar a orientação sexual que foge do que é estabelecido pela cultura como sendo o “correto” – a heteronormatividade. Em relação às mães, é observado que elas podem passar pelo processo de invisibilidade da orientação sexual do(a) filho(a), na tentativa de fugir das possíveis preocupações diante do sofrimento deles(as). Um outro processo identificado é o da culpabilização, que pode ser diluído a partir da busca de informações dessas mães para saberem lidar e entender os processos dos seus (Hauer & Guimarães, 2015). Tanto as preocupações quanto a culpa podem ser diluídas a partir do diálogo com os(as) próprios(as) filhos(as), como também com a busca da rede apoio em parentes, amigos ou até mesmo instituições que possam auxiliar nesse momento. E assim como o *coming out* é um processo para a família, a revelação da homossexualidade também é um processo para o(a) homossexual e, desta forma, necessita, muitas vezes, de tempo para ser refletido e, talvez, ser aceito.

No estudo de Lomando, Wagner e Gonçalves (2011), assim como nos estudos anteriormente citados, observou-se a importância da família e dos amigos diante da revelação da orientação sexual. Para os autores, os meios de comunicação têm ajudado no processo de elaboração dos pais diante da realidade exposta, de modo que a mídia mostre a eles como se dão os processos de *outness* e *coming out* e a todo o processo que o homossexual enfrenta, tentando diluir nos pais e na sociedade uma possível visão que eles costumam ter dos filhos

gays e lésbicas de que são desligados, de que não buscam se envolver para constituírem família e em alguns casos, são reconhecidos como anti-famílias.

A fim de ilustrar a importância da mídia perante a revelação da orientação sexual de um(a) filho(a), há um estudo que aborda a homossexualidade em uma determinada telenovela brasileira (Scorsolini-Comin & Santos, 2012). A telenovela pode ser entendida como um veículo de informação aos pais que vivenciam a homossexualidade dentro de casa, dando a oportunidade de compreensão, de modo cênico, às vivências dos homossexuais, seus sofrimentos e a importância da família no acolhimento diante do *coming out* (Hank & Salzburger, 2015; Frazão & Rosário, 2008).

No estudo de Toledo e Teixeira Filho (2013), nota-se que a sexualidade ainda é vista dentro das normas do século XIX, o que ocasiona diversos sofrimentos aos homossexuais. Foi observado que as entrevistas onde não houve a revelação da orientação sexual também não houve a discriminação na família. E nos casos em que houve a revelação, foram vivenciados momentos de homofobia intrafamiliar. Vale ressaltar que as pessoas que não contaram para a família notaram que haveria uma repressão caso contasse, o que o silêncio não deixa de ser uma forma de apreensão. Nesse sentido, Diamond e Shpigel (2014) sugerem que, se a família for agressiva, ficar “no armário” pode ser a melhor alternativa para evitar possíveis confrontos e atitudes negativas e buscar apoio de outras formas, como com amigos, grupos de apoio, em ONGs LGBTs e por meio de terapia individual. É importante mencionar que, mesmo permanecendo no “armário” para evitar conflitos familiares, buscar ajuda como os autores citam é de suma importância para a saúde física e mental do(a) jovem, a fim de que, mesmo não revelando para a família, consiga vivenciar sua sexualidade de acordo com sua orientação, não acatando ao modelo social empregado. Cuidar de si também é fazer valer seus direitos, mesmo que isso não seja revelado à família, como visto na pesquisa de Frost, Meyer e Schwartz (2016), na qual o apoio dos amigos e dos grupos LGBTs foram de suma

importância para que houvesse menos estresse no cotidiano e mais qualidade de vida, independentemente do apoio ou não da família.

Na visão de Santos, Brochado Junior e Moscheta (2007), as famílias acabam reagindo de modo a estranhar a revelação, podem se sentir traídos pelos filhos por acharem que os conheciam de modo íntimo, mas que no fundo “escondiam” algo deles, além de pensarem na escolha “errada” que foi feita. Veem a homossexualidade como um castigo, sentimento de culpa por acreditam que o(a) filho(a) “preferiu” ser *gay* devido a um possível erro na educação que lhe foi dada. Constata-se uma falta de acolhimento pela família, o que proporciona ao homossexual um sentimento de inferioridade e baixa autoestima, acarretando prejuízos em outros lugares, como escola e trabalho (Guarnero, 2007). Vale ressaltar a importância da aceitação por parte da família, uma vez que esta, assim como no estudo citado anteriormente, auxilia na autoestima dos *gays* e *lésbicas*, além de ser referência de apoio social e colaborar para que tenha boa saúde de modo geral. O apoio da família protege contra uma possível depressão e uso de substâncias como álcool e drogas, afastando de comportamentos de risco e de ideias suicidas (Feinstein, Wadsworth, Davila & Goldfriel, 2014; Ryan, Russell, Huebner, Diaz, & Sanchez, 2010). Contudo, a aceitação pode não acontecer na família e mesmo diante desta possibilidade, cabe ao(a) homossexual lidar com a sexualidade e com o contexto familiar de modo que não se anule, o que geralmente é um processo difícil que pode acarretar desgaste físico e emocional

Diversos autores exploram que as famílias, tanto quanto os jovens, necessitam de apoio para conseguirem caminhar de modo que convivam bem com a revelação da orientação sexual do sujeito. Estes autores reforçam a importância da rede de apoio que abarque os amigos, parentes, psicólogos e também a religião. Nota-se que as famílias que receberam este tipo de apoio conseguiram lidar melhor com as mudanças no ambiente familiar (Puckett, Woodward, Mereish, & Pantalone, 2015; Etengoff & Daiute, 2013). Em famílias mais

adaptáveis a revelação é mais tranquila, com maior possibilidade de acolhimento (Robinson & Brewster, 2016; Silva, Frutuoso, Feijó, Valerio & Chaves, 2015; Willoughby, Malik, & Lindahl, 2006).

A partir desse corpo de literatura analisado, podemos observar que o processo de *coming out* varia de família para família e, muitas vezes, não se pode prever qual será a reação do núcleo familiar diante da informação. Na tentativa de explicação das mais variadas expressões e reações pode-se recuperar diversas variáveis contextuais (micro e macrossociais), de história da família e mesmo de maior ou menor disponibilidade para o diálogo acerca das sexualidades. A rede de apoio social tem sido apontada como de suma importância nesse processo para auxiliar na possível nova dinâmica familiar após a revelação.

Considerações Finais

A revelação da orientação sexual, em muitos casos, é um processo conflituoso tanto para quem faz a revelação, como também para quem recebe a informação. Nota-se que, nos estudos analisados, grande parte ressalta a negação da família diante do *coming out*, ocasionando diversas dificuldades para o(a) homossexual. De modo geral, as mães ganham o papel de aceitarem mais facilmente seus(suas) filhos(as) diante da revelação, enquanto os pais negam em maior parte, principalmente se tratando de filhos homossexuais. Outro fator relevante são os modos como cada família consegue se organizar para buscar apoio e também para apoiar seu(sua) filho(a), sendo que até a religião contribuiu para a aceitação, uma vez que ressalta a importância do amor e do respeito no seio familiar.

Independente do país onde a pesquisa foi realizada, observa-se a presença da negação e dos conflitos, e, por consequência, as dificuldades encontradas pelo(a) homossexual que, além de sofrer com o preconceito na sociedade, também passa por situações não acolhedoras dentro da própria família. Em contrapartida, há casos em que a família acolheu seu(sua)

filho(a), de modo que o(a) fez sentir pertencente, de fato, àquela família. Em outros casos, o sujeito teve de buscar ajuda em outras redes de apoio, e em muitos casos, a depressão e o uso de drogas psicoativas fizeram parte desse roteiro, inclusive com ideias suicidas.

O presente estudo conseguiu responder sua questão norteadora, que era “Quais as repercussões da revelação da orientação sexual na família?”. Pode-se observar que as repercussões não costumam ser acolhedoras no início, mas que vão ganhando espaço com o passar do tempo, contudo, há oscilação da aceitação ao longo do tempo, não sendo este um fator predominante para a aceitação acontecer, ou seja, o tempo não indica a certeza da aceitação. Há um choque inicial, que faz com que pais e mães neguem a realidade, proporcionando ao homossexual um período de intensa luta interna, gerando sentimentos de negação, culpabilização, medo, revolta, vergonha e que, depois de um tempo e em famílias que são abertas à realidade, esses sentimentos são abandonados e os novos são de pertencimento e de ser aceito em sua própria família. Vale destacar que o fator “tempo” não determina a aceitação, mas sim, um conjunto de acontecimentos que podem levar a aceitação da homossexualidade, como, por exemplo, o contato com outras famílias que também possuem algum homossexual no seio familiar, grupos de apoio, família extensa, Internet, entre outros.

Acerca das limitações da revisão, nota-se que grande parte dos estudos analisa o processo de *coming out* por meio da fala do(a) jovem que revelou a orientação sexual à família, de modo que poucos os estudos revisados deram espaço para escuta dos pais, mães e irmãos, a fim de conhecer também o ponto de vista deles diante do processo. Outro fator relevante é a rede de apoio social que não é citada em muitos dos estudos e que pode ser interessante conhecê-la para verificar se houve ou não a presença de pessoas do convívio ou novos personagens na vida do participante de modo ativo, direta ou indiretamente, agindo no processo de *coming out*.

Sugere-se que novos estudos empíricos sejam realizados acerca da temática, a fim de dar voz a essas famílias e aos homossexuais, o que também pode contribuir para a criação de redes de apoio e acolhimento aos envolvidos, bem como para compreender como tais “armários” são criados, recriados, deslocados e transformados social e culturalmente no processo de desenvolvimento. Outra sugestão está relacionada à inserção de novos unitermos, combinações e expansão das bases de dados investigadas, a fim de conhecer novos estudos que retratam a temática. Aprender essa movimentação dos conceitos e a noção de processo (nem sempre contínuo) parece ser uma necessidade premente nos estudos empíricos analisados, em uma proposta mais fluida e aberta a reflexões constantes. Políticas de atenção a essa população podem se concentrar nos processos de *coming out*, promovendo uma escuta clínica que proporcionem maior aceitação e, conseqüentemente, maior sentimento de pertença, integração e qualidade de vida.

Referências do Estudo 1

- Arm, J. A., Horne, S. G., & Levitt, H. M. (2009). Negotiating connection to GLBT experience: family members' experience of anti-GLBT movements and policies. *Journal of Counseling Psychology, 56*(1), 82-96.
- Balsam, K. F., & Mohr, J. J. (2007). Adaptation to sexual orientation stigma: a comparison of bisexual and lesbian/gay adults. *Journal of Counseling Psychology, 54*(3), 306-319.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cadieux, J., & Chasteen, A. L. (2015). You gay, bro? Social costs faced by male confronters of antigay prejudice. *Psychology Of Sexual Orientation And Gender Diversity, 2*(4), 436-446.

- Ceballos-Fernández, M. (2014). Identidad homosexual y contexto familiar heteroparental: implicaciones educativas para la subversión social. *Revista Latinoamericana De Ciencias Sociales*, 12(2), 643-658.
- Corliss, H. L., Austin, S. B., Roberts, A. L., & Molnar, B. E. (2009). Sexual risk in “mostly heterosexual” young women: influence of social support and caregiver mental health. *Journal Of Women’s Health*, 18(12), 2005-2010.
- Costa, C. B., Machado, M. R., & Wagner, M. F. (2015). Percepções do homossexual masculino: sociedade, família e amizades. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 777-788.
- Detrie, P. M., & Lease, S. H. (2007). The relation of social support, connectedness, and collective self-esteem to the psychological well-being of lesbian, gay, and bisexual youth. *Journal of Homosexuality*, 53(4), 173-199.
- Diamond, G. M., & Shpigel, M. S. (2014). Attachment-based family therapy for lesbian and gay young adults and their persistently non accepting parents. *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(4), 258-268.
- Etengoff, C., & Daiute, C. (2013). Family member’s uses of religion in post-coming-out conflicts with their gay relative. *Psychology of Religion and Spirituality*, 6(1), 33-43.
- Feinstein, B. A., Wadsworth, L. P., Davila, J., & Goldfried, M. R. (2014). Do parental acceptance and family support moderate associations between dimensions of minority stress and depressive symptoms among lesbians and gay men? *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(4), 239-246.
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 26, 25-15.
- Frost, D. M., Meyer, I. H., & Schwartz, S. (2016). Social support networks among diverse sexual minority populations. *American Journal of Orthopsychiatry*, 86, 91-102.

- Guardarrama, J. G., & Alfonso, J. T. (2012). El significado de la experiencia de la aceptación de la orientación sexual homosexual desde la memoria de un grupo de hombres adultos puertorriqueños. *Revista Eureka*, 9(2), 158-170.
- Guarnero, P. A. (2007). Family and community influences on the social and sexual lives of latino gay men. *Journal of Transcultural Nursing*, 18(1), 12-18.
- Hank, K., & Salzburger, V. (2015). Gay and lesbian adults' relationship with parents in Germany. *Journal Of Marriage And Family*, 77, 866-876.
- Hauer, M., & Guimarães, R. S. (2015). Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 649-662.
- Jackson, S. D., & Mohr, J. (2016). Conceptualizing the closet: differentiating stigma concealment and nondisclosure processes. *Psychology of Sexual Orientation And Gender Diversity*, 3(1), 80-92.
- LaSala, M. C. (2013). Out of the darkness: three waves of family research and the emergence of family therapy for lesbian and gay people. *Clinical Socil Work Journal*, 41, 267-276.
- Lomando, E., & Wagner, A. (2009). Reflexões sobre termos e conceitos das relações entre pessoas do mesmo sexo. *Revista Sociais e Humanas*, 22(2), 1-18.
- Lomando, E., Wagner, A., & Gonçalves, J. (2011). Coesão e adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(3), 95-109.
- Maffesoli, M. (2007). Homosstocialidade: da identidade às identificações. *Bagoas: Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 1(1), 15-25.
- Martins, F., Romão, L., Lindner, L., & Reis, T. (2010). *Manual de Comunicação LGBT*. Curitiba: Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda.
- Méllo, R. P. (2007). Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. *Psicologia e Sociedade*, 24(1), 197-207.

- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129, 674-697.
- Miskolci, R. (2013). Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 301-324.
- Miskolci, R. (2015). “Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, (44), 61-90.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & the PRISMA Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *Annals of Internal Medicine*, 151(4), 264-269.
- Mott, L. (2006). Homoafetividade e direitos humanos. *Revista de Estudos Feministas*, 14(2), 509-521.
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 547-563.
- Oksal, A. (2008). Turkish family members' attitudes toward lesbians and gay men. *Sex Roles*, 58, 514-525.
- Palma, Y. A., & Levandowski, D. C. (2008). Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. *Psicologia Em Estudo*, 13(4), 771-779.
- Palma, Y. A., Piason, A. S., Bezerra, A. C. M., & Strey, M. N. (2010). Experiências de vida e os processos de visibilidade social de mulheres que amam mulheres. *Aletheia*, 33, 1-13.

- Passamani, G. R. (2015). O casamento como “armário”: histórias de um homem com conduta homossexual no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 21, 111-135.
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*, 19(1), 67-76.
- Poeschl, G., Venâncio, J., & Costa, D. (2012). Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. *Revista Psicologia*, 26(1), 33-53.
- Puckett, J. A., Woodward, E. N., Meireish, E. H., & Pantalone, D. W. (2015). Parental rejection following sexual orientation disclosure: impact on internalized homophobia, social support, and mental health. *LGBT Health*, 2(3), 265-269.
- Robinson, M. A., & Brewster, M. E. (2016). Understanding affiliate stigma faced by heterosexual family and friends of LGB people: a measurement development study. *Journal of Family Psychology*, 30(3), 353-363.
- Rosario, M., Schrimshaw, E. W., & Hunter, J. (2011). Different patterns of sexual identity development over time: implications for the psychological adjustment of lesbian, gay, and bisexual youths. *Journal of Sex Research*, 48(1), 3-15.
- Ryan, C., Russell, S. T., Huebner, D., Diaz, R., & Sanchez, J. (2010). Family acceptance in adolescence and the health of LGBT young adults. *Journal Of Child And Adolescent Psychiatric Nursing*, 23(4) 205-213.
- Sabat, I., Trump, R., & King, E. (2014). Individual, interpersonal, and contextual factors relating to disclosure decisions of lesbian, gay, and bisexual individuals. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(4), 431-440.

- Santos, A. F., & Fernandes, S. C. S. (2009). Enfrentamento, locus de controle e preconceito: um estudo com pessoas de orientação homoafetiva. *Psicologia em Revista (Maringá)*, 15(3), 101-119.
- Santos, C. M. C., Pimenta, C. A. M., & Nobre, M. R. C. (2007). A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(3), 508-511.
- Santos, M. A., Brochado Júnior, J. U., & Moscheta, M. S. (2007). Grupo de pais de jovens homossexuais. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 3(2), 1-16.
- Savin-Williams, R. C., & Ream, G. L. (2003). Sex variations in disclosure to parents of same-sex attractions. *Journal of Family Psychology*, 17, 429-438.
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 17, 19-54.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Insensatos afetos: homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira. *Barbarói*, 36, 50-66.
- Silva, F. R., & Nardi, H. C. (2011). A construção social e política pela não discriminação por orientação sexual. *Revista de Saúde Coletiva*, 21(1), 251-265.
- Silva, M. M. L., Frutuoso, J. F. F., Feijó, M. R., Valerio, N. I., & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 677-692.
- Silva, M. R. S., & Rodrigues, C. I. (2012). Digressões homossexuais notas antropológicas sobre *coming out*, *ethos* LGBT e *bajubá* em Belém-PA. *Revista NUFEN*, 4(1), 44-58.
- Silva, V. G. (2007). A visibilidade do suposto passivo: Uma atitude revolucionária do homossexual masculino. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 7(1), 71-88.
- Silva Neto, J., & Strey, M. (2007). Gênero e conjugalidade: encontros e desencontros na representação social da relação conjugal. In M. Strey, J. A. Silva Neto, & L. Horta. *Família e Gênero* (pp. 170-185). Porto Alegre: EdiPUC-RS.

- Simpson, C. A., Miranda, F. A. N., Mundo, M. M. S., & Azevedo, D. M. (2007). Trajetória de vida de um homossexual: entre o silêncio e a opressão. *Ciência E Cuidado em Saúde*, 6(4), 424-432.
- Soliva, T. B., Silva, J. B. Jr., (2014). Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud Y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 17, 124-148.
- Solórzano, A. J., & Mendoza, M. R. (2014). “Salir del clóset” en la Ciudad de México. *Revista Salud Mental*, 37(5), 391-397.
- Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F. S. (2013). Homofobia familiar: abrindo o armário ‘entre quatro paredes’. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 376-391.
- Victoria, C., & Knauth, D. R. (2004). Corpo, gênero e saúde: a contribuição da antropologia. In M. N. Strey & S. T. L. Cabeda (Orgs.), *Corpos e subjetividade em exercício interdisciplinar* (pp. 81-91). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Willoughby, B. L. B., Malik, N. M., & Lindahl, K. M. (2006). Parental reactions to their sons’ sexual orientation disclosures: the roles of family cohesion, adaptability, and parenting style. *Psychology of Men & Masculinity*, 7(1), 14-26.
- Zimmerman, L., Darnell, D. A., Rhew, I. C., Lee, C. M., & Kaysen, D. (2015). Resilience in community: a social ecological development model for young adult sexual minority women. *American Journal of Community Psychology*, 55(1-2), 179-190.

ESTUDO 2

As repercussões do *coming out* nas famílias de jovens adultos

The coming out repercussions on young adults' families

Resumo

O processo do *coming out* pode reverberar de modo diferente em cada núcleo familiar. O presente estudo teve por objetivo conhecer as percepções de mães, pais, irmãos(ãs) e dos(as) homossexuais acerca da repercussão do *coming out* na família. Trata-se de um estudo de casos múltiplos no qual participaram 24 membros de oito diferentes núcleos familiares. Foram empregados roteiros de entrevista e Diagramas de Escolta. As famílias, com certa dificuldade e resistência, aceitam ou ainda estão em processo de aceitação de seus(suas) filhos(as), sendo observada alta recusa dos pais em falar sobre o assunto. Todos os membros consideraram importante saber do *coming out*. Os irmãos representaram uma potente fonte de apoio aos homossexuais, contribuindo para a aceitação dos demais membros. Alguns movimentos de preconceitos velados puderam ser depreendidos, tornando lícita a afirmação de que a aceitação é um processo construído ao longo do tempo e das experiências em família.

Palavras-chave: *coming out*, família, homossexualidade, orientação sexual.

Abstract

The coming out process may reverberate differently in each family nucleus. The present study aimed to get to know the perceptions of mothers, fathers, siblings and homosexuals about the repercussion of coming out in the family. This is a multiple case study in which 24

members from eight different family groups participated. Interview scripts and Escort Diagrams were used. Families, with some difficulty and resistance, accept or are still in the process of accepting their children, with high refusal by parents to talk about it. All members considered important to know about the coming out. Siblings represented a powerful source of support for homosexuals, contributing to the acceptance from the other members. Some veiled prejudice movements could be understood, making the claim that acceptance is a process built over time and family experiences licit.

Palavras-chave: *coming out*, family, homosexuality, sexual orientation.

A família está presente em toda a história da humanidade, sendo compreendida de diversos modos ao longo do tempo. Tais entendimentos acerca dos conceitos de família têm em comum a existência de compartilhamentos, solidariedade, amor, respeito mútuo, dentre outras características que estruturam as crenças e costumes de cada núcleo familiar (Alvez & Moniz, 2015; Butler, 2003; Kurashige & Reis, 2010; Mello, 2005; Meyer, 2003; Santos, Scorsolini-Comin, & Santos, 2015; Zimmerman, Darnell, Rhew, Lee, & Kaysen, 2015). Apesar das constantes transformações operadas na família, permanece como essencial o bom desenvolvimento social, psicológico e emocional dos indivíduos que a compõem, a partir do viés da ocidentalidade, para fins estratégicos socialmente – no que tange às questões políticas e financeiras, por exemplo (Alvez & Moniz, 2015; Corliss, Austin, Roberts, & Molnar, 2009; Rondini, Teixeira Filho, & Toledo, 2017).

E assim como a família, a homossexualidade também está presente na sociedade desde a Antiguidade, sendo vista de diversos modos, sendo que em alguns locais já faz parte da cultura e em outros é vista como pecado, perversão e crime (Facchini, 2003; Frazão & Rosário, 2008; Herman, 2005; Hoffarth & Bogaert, 2017; Nascimento, Scorsolini-Comin, Fontaine, & Santos, 2015). Com as transformações sociais, a família também vem sendo

modificada, embora ainda se mostre resistente, em alguns casos, a certas alterações em seu cenário, como, por exemplo, as famílias formadas por pessoas homossexuais, ou ainda, ter um membro da família homossexual, como no caso do presente estudo, no qual há filhos(as) homossexuais na composição do núcleo familiar (Fernandez, 2011; Heilborn, 2004; Klein, Holtby, Cook, & Travers, 2015; Lira & Morais, 2017; Lira & Morais, 2016; Salvati, Ioverno, Laghi, & Baiocco, 2016; Soliva & Silva, 2014).

A ideia de que a família deve ser formada por homem e mulher e de que os filhos devem seguir o papel heteronormativo causa uma série de conflitos diante do *coming out* - revelação da orientação sexual -, na qual as expectativas dos pais são frustradas, uma vez que os caminhos dos filhos poderão ser diferentes daquilo que sonharam ou planejaram (Miskolci, 2015; Prado & Machado, 2012; Sedgwick, 2007; Torrão Filho, 2005). Neste sentido, o movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Transexuais) vem buscando espaço na sociedade, a fim de garantir os direitos e a legitimidade do público referido, além de colocar em pauta as questões de gênero que vêm sendo também abordadas na literatura científica (Araújo, 2009; Baére, Zanello, & Romero, 2015; Fernandez, 2011; Lopes, 2005; Molina, 2011; Sampaio & Germano, 2014; Trindade, 2011; Vianna, 2015).

Faz-se necessário lembrar que o termo gênero é designado para as relações sociais entre os sexos e está relacionado às construções sociais, a partir dos papéis estabelecidos para homens e mulheres (Scott, 1990). Para De Tilio (2014), o conceito de gênero engloba identificar uma gama de composições sociais, desde as religiões, à filosofia e ao universo científico. Para o autor, nota-se que estudar gênero é essencial para ressignificar uma série de preconceitos pré-estabelecidos na sociedade, além de possibilitar um novo olhar acerca das relações de gênero e suas novas composições em termos de filiação e alianças. Vale ressaltar que os estudos de gênero são apoiados em teorias pós-estruturalistas que visam esclarecer a

perspectiva heteronormativa e essencialista ao propor uma solução para o dilema do sistema binário sexo-gênero, além do que vem do corpo e o que é cultural (Butler, 2003; Nicholson, 2000; Pereira, 2004). Chama-se de gênero o pertencimento a um sexo, que parte de uma construção social com base no biológico – quando se tem um pênis é macho/homem, quando se tem uma vagina é fêmea/mulher (Badinter, 1993; Guimarães, 2009). Visto que esta faz parte da construção das condições de ser, o(a) homossexual, *gay* ou lésbica, passa por um processo de significação social, dando voz aos seus desejos e vontades (Heilborn, 2006; Puckett, Woodward, Mereish, & Pantalone, 2015; Scott, 1990).

A partir da perspectiva do gênero, observa-se que os(as) homossexuais podem conviver diariamente com preconceitos, violências e abusos diversos, o que, em muitos casos, advêm da própria família, o que é denominado de homofobia intrafamiliar. O conceito de homofobia pode ser entendido como “um conjunto de práticas, crenças, dogmas, ideologias e discursos que visam afastar/excluir/discriminar toda e qualquer manifestação dissidente das normas heterossexuais aplicadas seja às práticas sexuais, seja ao gênero” (Castañeda, 2007, p. 146). Sendo assim, a homofobia intrafamiliar caminha para o lado oposto do que é desejado pelos(as) homossexuais, uma vez que é esperado que a família apoie, acolha e partilhe. No caso do *coming out*, surgem uma série de tensões, uma vez que a família pode passar a rejeitar, agredir, ignorar e não compreender o(a) filho(a), promovendo repercussões que interferem no ajustamento psicossocial e nas condições de saúde e bem-estar. Sendo assim, a rede de apoio é importante para dar suporte para todos os envolvidos no processo, a fim de esclarecer e ajudar para uma possível aceitação do(a) filho(a) (Cerqueira-Santos, Silva, Rodrigues, & Santos, 2016; Costa, Machado, & Wagner, 2015; Frigo, Zocche, Vidori, Marin, Prado, & Klein, 2014; Lira, Morais, & Boris, 2016; Teixeira Filho & Rondini, 2012; Wigth, LeBlanc, & Badgett, 2013).

As questões relacionadas ao ajustamento psicossocial e à rede de apoio também são destacadas em alguns estudos, nos quais são ressaltados que muitos jovens, ao revelarem a orientação sexual, aguardam o acolhimento das famílias, mas, em muitos casos, o acolhimento inicial é advindo da rede de apoio, como amigos, grupos de jovens e, posteriormente, do grupo familiar (Diamond & Shpigel, 2014; Frost, Meyer, & Schwartz, 2016). No presente estudo, a rede de apoio se refere às pessoas que participaram do processo do *coming out* dos entrevistados como, por exemplo, o próprio núcleo familiar, família extensa, religião, amigos, Internet, entre outros. Por haver a tentativa de trazer o jovem para uma norma sexual hegemônica, os conflitos familiares surgem e ganham força, sendo a rede de apoio essencial para esclarecimentos e o fortalecimento de vínculos após a “saída do armário”. As consequências emocionais após a revelação são as mais diversas, gerando uma gama de conflitos internos e externos, com sofrimento não apenas do(a) jovem, mas de toda a família que o(a) acompanha (Ceballos-Fernández, 2014; Perucchi, Brandão, & Vieira, 2014; Santos & Fernandes, 2009; Soliva & Silva, 2014; Toledo & Teixeira Filho, 2013).

O sofrimento emocional decorrente da expressão da sexualidade está ligado ao modo como ainda é vista em nossa sociedade, com base nas normas do século XIX. Vale ressaltar que o silêncio/omissão da homossexualidade também configura em um tipo de repressão, na qual não permite que o sujeito assuma quem de fato é, o que causa mais dores, sofrimentos, negação, acarretando em prejuízos físicos e emocionais, bem como afetam as rotinas e convívios daqueles envolvidos. Dessa forma, vale destacar a importância da rede de apoio, uma vez que se não há o acolhimento proveniente da família de origem, este pode ser encontrado em amigos e em outros meios sociais, como também nos processos psicoterápicos, por exemplo. As redes de apoio são de suma importância para a manutenção da saúde mental dos indivíduos que revelam a sua homossexualidade (Diamond & Shpigel, 2014; Frost, Meyer, & Schwartz, 2016).

Neste sentido, faz-se necessário mais estudos que compreendam a importância do papel da família diante do *coming out*, bem como para ampliar a visão que se tem em relação à temática e o papel da rede de apoio nesse contexto. Dar voz a toda família é essencial para identificar a demanda de cada membro, os posicionamentos construídos e cristalizados, respeitando os princípios e valores de cada um, com o intuito de, a partir do conhecimento individual, poder colaborar para que o sistema familiar seja compreendido e melhor vivenciado, sempre em busca de melhores condições desenvolvimentais e de ajustamento psicossocial. Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo conhecer as percepções de mães, pais, irmãos(ãs) e dos(as) homossexuais acerca da repercussão do *coming out* na família.

Método

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo descritivo e de casos múltiplos, exploratório, de corte transversal, embasado na abordagem qualitativa de pesquisa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de origem dos autores (Anexo B). O estudo de casos múltiplos tem como base propor a estratégia de síntese de casos cruzados (Yin, 2005). Após a coleta dos dados, é feita a análise horizontal das entrevistas, visando identificar diferenças e semelhanças entre elas, a fim de elaborar categorias temáticas por meio de leitura transversal dos casos e analisar o material coletado, correspondendo aos objetivos do estudo. Tal método prioriza a ampliação do tema em estudo, estabelecendo, em contextos diversos, os aspectos em comum e as particularidades de cada entrevista realizada.

Participantes

Foram entrevistados 24 participantes, provenientes de oito núcleos familiares distintos, sendo cinco *gays*, três lésbicas, dois pais, sete mães, quatro irmãs e três irmãos,

conforme detalhado na seção de Resultados. Os sujeitos-focais foram homossexuais de ambos os sexos, com idade entre 22 e 34 anos, que revelaram aos familiares a sua orientação sexual homossexual. Também foram convidados a participar do estudo os núcleos familiares desses sujeitos-focais, especificamente seus genitores (pai e/ou mãe) e irmãos(ãs) acima de 18 anos de idade. Não houve critérios de inclusão/exclusão em relação aos aspectos socioeconômicos, de escolaridade, de estado civil ou de parentalidade (consanguínea ou adotiva). Também não foi observado um tempo mínimo desde a revelação da homossexualidade aos familiares, a fim de ampliar as possibilidades de acesso a essas famílias. O acesso a essas famílias ocorreu em uma cidade de médio porte do interior do Estado de Minas Gerais.

Para a definição do número de participantes, foram adotados os seguintes procedimentos: (a) em cada núcleo familiar foram convidados participar os membros alvo deste estudo, ou seja, o homossexual (sujeito focal), pai, mãe e irmã(o)(s)(os); (b) foram considerados habilitados para compor a amostra as famílias em que houve entrevistas com, pelo menos, o sujeito focal e um membro de sua família. Tal decisão foi tomada devido à dificuldade de localizar famílias em que todos os membros se mostrassem disponíveis para a participação no estudo; (c) As buscas por famílias ocorreram até o momento em que se julgou, a partir de uma pré-análise realizada pelos pesquisadores, que os resultados permitiam a construção de casos múltiplos que pudessem responder suficientemente aos objetivos propostos pelo estudo. Assim, não se trata propriamente de um processo de saturação dos dados, mas de representatividade diante dos objetivos apregoados e tendo como base os pressupostos da pesquisa qualitativa. Tais procedimentos foram adotados tendo como referência experiências anteriores com estudos nessa temática e nesse mesmo contexto de coleta (Moscheta, Souza, Casarini, & Scorsolini-Comin, 2016; Ribeiro & Scorsolini-Comin, 2017).

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta dos dados:

(a) Entrevistas em profundidade: Foram aplicados três roteiros distintos, com perguntas acerca dos objetivos do presente estudo, um destinado aos homossexuais/sujeitos-focais (Apêndice B), um aos pais/mães (Apêndice C) e outro as(os) irmãos(ãs) dos sujeitos-focais (Apêndice D). Em linhas gerais, foram coletados dados referentes ao assumir-se homossexual para o(a) jovem e para a família, as possíveis repercussões que o *coming out* do(a) filho(a) causou na vida da família e como isso se deu para o filho(a). Também foram identificadas as redes de apoio presentes na história de vida de cada participante, além de levantar questionamentos relacionados às rotinas e vivências da família.

(b) Diagrama de Escolta (Anexo C): foi utilizado com o objetivo de investigar a rede de relações interpessoais de todos os participantes. Foi empregado o modelo da Escolta de Apoio Social proposto por Kahn e Antonucci nos anos de 1980 (Kahn & Antonucci, 1980, citado por Paula-Couto, Koller, Novo, & Sanchez-Soares, 2008). O Diagrama é apresentado em três círculos concêntricos e hierárquicos com o participante representado no meio pelo pronome eu. No primeiro círculo mais próximo ao eu, o(a) entrevistado(a) escreveu quais são as pessoas que ele(a) considera mais importantes e efetivamente mais próximas. No segundo círculo ele(a) escreveu quem são as pessoas que considera importantes, todavia menos próximas. Por fim, no terceiro círculo, foram colocadas as pessoas importantes, contudo mais distantes. Após o preenchimento do instrumento, foi aberto espaço para uma conversa livre acerca das características das relações com as pessoas colocadas na sua rede. Todo esse processo foi audiogravado e transcrito para posterior análise.

Procedimento

Coleta de dados. O contato inicial com os participantes aconteceu a partir de convites dos pesquisadores por meio da sua própria rede social no Facebook. Foram convidados a

participar os(as) amigos(as) de amigos(as) dos pesquisadores. O primeiro contato se deu com o sujeito focal – homossexual masculino ou feminina – e este, aceitando participar da pesquisa, convidou sua família para participar. Nessas ocasiões, os pesquisadores explicitaram os objetivos do estudo e os termos do trabalho. Vale ressaltar que o contato inicial foi realizado com o sujeito focal e este estendeu o convite aos seus familiares. Os interessados em participar voluntariamente leram o Termo de Esclarecimento da pesquisa e, estando de acordo, foram agendadas entrevistas com os participantes – foram realizadas as entrevistas com o núcleo familiar no mesmo dia, em horários diferentes. Antes da realização da entrevista, os participantes atestaram a sua anuência por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). As entrevistas ocorreram em suas casas ou em salas reservadas do CEPPA-UFTM (Centro de Estudos e Pesquisa em Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Triângulo Mineiro), a fim de garantir conforto físico e emocional, além de condições necessárias para a pesquisa envolvendo seres humanos, como sigilo das informações. Os dois instrumentos foram aplicados face a face com todos os participantes individualmente, em datas e horários previamente acordados com os voluntários. Primeiramente, utilizou-se a entrevista e, posteriormente, o Diagrama de Escolta. Ambas foram audiogravadas, sendo o Diagrama feito em papel e as respostas audiogravadas, mediante o consentimento dos participantes, e foram transcritas na íntegra e em sua totalidade para posterior análise, compondo o *corpus*.

Análise dos dados. As entrevistas foram analisadas verticalmente (uma a uma), a fim de conhecer os sentidos trazidos por cada participante. Em um segundo momento, foi realizada uma análise horizontal com todas as entrevistas analisadas, a fim de identificar semelhanças e diferenças nos relatos, o que subsidiou a discussão. Foi realizada a análise de casos múltiplos e, neste estudo, os casos foram analisados de acordo com o grupo de mães, pais, irmãos(ãs) e homossexuais, não abarcando a família como um todo. Optou-se por

analisar os grupos e não as famílias, a fim de verificar como cada grupo compreende o processo do *coming out*, o que favorece a análise mais consistente acerca da percepção de cada grupo. De acordo com Yin (2005), o estudo de casos múltiplos possibilita conclusões analíticas mais contundentes, uma vez que há a triangulação dos dados, sendo este um recurso que direciona o processo de análise. Posteriormente, foi realizada a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2009), que é composta por técnicas de pesquisa que concedem, de maneira sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes ligadas ao enunciado, assim como as inferências acerca dos dados coletados. O método de análise foi escolhido devido à necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela precisão de enriquecer a leitura por meio da compreensão dos significados e pela premência de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas (Bardin, 2009; Cavalcante, Calixto, & Pinheiro, 2014). Sendo assim, para a realização e organização das análises, foram utilizados os procedimentos preconizados por Bardin (2009), de análise de conteúdo temático, abarcando as três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados. A partir desse processo, foram elencadas duas categorias analíticas. Os dados foram interpretados com base em estudos nacionais e internacionais relacionados às áreas de gênero, sexualidade, família, *coming out*, homossexualidade, entre outros (Carrara & Ramos, 2006; Frazão & Rosário, 2008; Guarnero, 2007; Hauer & Guimarães, 2015; Hereck, 2004; Hoffarth & Bogaert, 2017; Laghi, Baiocco, Baumgartner, Marasco, Fontanesi, Santamaria, Willoughby, 2015; Manning, 2015; Miskolci, 2015; Perrin-Wallqvist, & Lindblom, 2015; Robbins, Low, & Query, 2016; Teixeira, Marretto, Mendes, & Santos, 2012).

Resultados e Discussão

A composição das famílias está apresentada a seguir, na Tabela 1, na qual são destacadas características de cada membro das famílias, referente ao nome fictício, idade, família (nº), membro (pai, mãe, irmão(ã), *gay* ou lésbica) estado civil, religião e etnia. Vale ressaltar que a análise foi realizada com base nos grupos de mães, pais, irmãos(ãs) e homossexuais, não com base nos núcleos familiares, uma vez que temos como objetivo conhecer a percepção destes grupos acerca do *coming out* na família. Fatores como escolaridade e socioeconômicos não foram analisados no presente estudo, a fim de ressaltar apenas fatores como a religião e etnia diante do *coming out* na família.

Tabela 1. *Caracterização das famílias por nome fictício, idade, família (nº), membro, estado civil, religião e etnia (n=24)*

Família (nº)	Membro	Nome fictício	Idade	Estado Civil	Religião	Etnia
1	<i>Gay</i>	Arthur	26	Casado	Católico	Branco
1	Mãe	Adriana	43	Casada	Católica	Branca
1	Irmã	Julia	18	Solteira	Católica	Branca
2	<i>Gay</i>	Pedro	22	Solteiro	Nenhuma	Pardo
2	Mãe	Rose	56	Casada	Espírita	Branca
2	Irmã	Amanda	26	Casada	Espírita	Parda
3	Lésbica	Gisele	31	Casada	Espírita	Branca
3	Mãe	Vera	56	Divorciada	Espírita	Branca
4	Lésbica	Sofia	22	Solteira	Católica	Branca
4	Mãe	Beatriz	53	Casada	Católica	Branca
4	Irmão	Tiago	21	Solteiro	Ateu	Pardo
5	<i>Gay</i>	Antônio	34	Solteiro	Ateu	Negro
5	Mãe	Sandra	51	Divorciada	Espírita	Branca
5	Irmã	Carla	32	Solteira	Nenhuma	Negra
6	<i>Gay</i>	Caio	24	Solteiro	Candomblé	Pardo
6	Pai	Marcos	70	Divorciado	Agnóstico	Branco
6	Irmão	Felipe	20	Solteiro	Ateu	Branco
7	<i>Gay</i>	Bruno	22	Solteiro	Católico	Pardo
7	Mãe	Lúcia	45	Separada	Católica	Branca
7	Irmã	Letícia	24	Solteira	Católica	Amarela
8	Lésbica	Marina	25	Solteira	Ateu	Parda
8	Mãe	Joana	47	Casada	Evangélica	Parda

8	Pai	Luiz	51	Casado	Evangélico	Pardo
8	Irmão	Otávio	28	Casado	Evangélico	Pardo

No que tange à formação dos núcleos familiares para a coleta dos dados, esta se deu da seguinte forma: na família 1, o pai não aceitou participar da pesquisa, pois segundo os entrevistados, ele é tímido. Contaram que ele aceita Artur, foi no casamento dele, mas é uma pessoa mais reservada. Já na família 2, o sujeito focal preferiu não convidar o pai, uma vez que este não fala sobre o assunto e não participa de nada referente à vida dos filhos, inclusive não quis participar da cerimônia de casamento da filha, pois prefere ficar em casa. A família 3 foi uma exceção aos critérios das entrevistas. Ao ser contatada, Letícia fez questão de participar da pesquisa e agendou a entrevista dela e da família. Contudo, no dia e horário marcados, ela foi apenas com a mãe, porque considera que sua família se resume a ela e a mãe. Contou que tem pouco contato com o pai, pois ele é separado da mãe e que seu irmão não aceita a sua orientação sexual. Na família 4, os entrevistados também optaram por não convidar o pai para a pesquisa, uma vez que ele rejeita a orientação sexual da filha e não aceita falar sobre o assunto. Na família 5, foram muito receptivos e contaram que o pai não faz parte do convívio deles, por isso não foi chamado para a pesquisa. Na família 6, a mãe não foi convidada para participar, pois segundo os participantes, ela não faz parte do convívio deles, já que moram pai e filhos sozinhos. Na família 7, o padrasto não foi convidado pelo sujeito focal para participar da pesquisa, pois, na visão dele, o padrasto não faz parte de sua vida íntima e acredita que ele não sabe acerca da sua orientação sexual. Já a família 8 foi a única em que todos os membros que a compõem aceitaram participar da pesquisa, sem restrições em falar acerca do tema.

A partir da leitura exaustiva das entrevistas e a integração dos casos, foram elencados dois eixos temáticos, a fim de analisar o material coletado, sendo estes: 1) As percepções de mães, pais e irmãos(ãs) acerca do *coming out*: o início e o processo da revelação da orientação sexual, e 2) A homossexualidade e suas repercussões na vida de *gays* e *lésbicas* no

seio familiar. Vale ressaltar que, no eixo 1, serão destacados os casos múltiplos com base no grupo de mães, pais e irmãos(as) em relação ao *coming out*, com foco nas percepções de cada grupo acerca do tema e no eixo 2 serão analisadas as repercussões a partir da visão do(a) próprio(a) homossexual, sendo feita a análise os casos, ressaltando as semelhanças e diferenças no *coming out*. Optou-se por analisar estes grupos, a fim de verificar como cada um deles compreende o processo de revelação.

As percepções de mães, pais e irmãos(ãs) acerca do *coming out*: o início e o processo da revelação da orientação sexual

Neste eixo, serão analisadas as entrevistas de mães, pais e irmãos(ãs) acerca do *coming out* em suas respectivas famílias, ressaltando como esses grupos percebem e vivenciam a homossexualidade dos sujeitos-focais. Serão apresentados trechos de algumas das entrevistas, a fim de destacar pontos importantes para os entrevistados, desde a descoberta ao processo de aceitação da orientação sexual do(a) filho(a)/irmão(ã). Nota-se que, embora alguns membros da família já tivessem “desconfiado” da orientação sexual do(a) filho(a), o momento da revelação não deixou de ser descrito como um choque/surpresa, envolvendo uma série de aspectos como dúvidas, receios, medos e cuidados. Cada membro tem uma percepção acerca do modo como ocorreu este processo, o que ressalta a importância de conhecer o que cada um pensa e sente no decorrer do *coming out* (Alves & Moniz, 2015; Campos & Guerra, 2016; Hoffarth & Bogaert, 2017; Maiffret & Vasconcelos-Bernstein, 2014; Manning, 2015; Saggese, 2009).

Quando perguntado às mães, pais e irmãos(ãs) acerca de quando perceberam a homossexualidade do(a) filho(a)/irmão(ã), nota-se que, em alguns casos, a família já havia percebido e, em outros casos, não haviam imaginado essa possibilidade, como pode ser observado nas falas de Adriana e Beatriz, mães desses jovens. Adriana, mãe de um

homossexual masculino conta que “(...) Às vezes que ele me pedia para passar coisas de menina. (...). Eu não sabia na barriga, mas depois que ele nasceu. Eu já sabia. Quando ele me contou. Eu já estava preparada há muito tempo. Ele que não sabia.” Já Beatriz, mãe de uma homossexual feminina, relata que

(...) Nunca gostou de, apesar dela sempre ter gostado muito de boneca. Até aos 12 anos, ainda brincava de boneca. Mas sempre ela gostou de subir em árvore, sempre gostou de jogar bola. Sempre foi mais moleque. Ela sempre foi mais pra esse lado assim. Mas assim, nada que eu ficasse pensando: “Minha filha é gay.” (...) Ela sempre queria entrar em escolinha de futebol. Eu sempre ficava meio com o pé atrás...

Assim como mencionado na literatura nacional e internacional, a revelação da orientação sexual difere de família para família, bem como o processo posterior ao *coming out*. E, neste sentido, pode-se entender que as atitudes em relação aos homossexuais estão sob influência das diferentes culturas e crenças, além das opiniões pré-estabelecidas pela sociedade, como, por exemplo, pelo desejo de se manter as tradições heteronormativas, idealizadas pelas questões de gênero e os(as) homossexuais colocam à prova e acabam transgredindo as regras, a partir da visão tradicional da sociedade (Gouveia, Athayde, Soares, Araújo, & Andrade, 2012; Perrin-Wallqvist & Lindblom, 2015; Robbins, Low, & Query, 2016; Whitley & Egisdóttir, 2000). Também mostra-se relevante compreender como tais familiares justificaram a “desconfiança” acerca da homossexualidade dos filhos, relatando situações e comportamentos que, culturalmente, podem ser mais associados ao sexo oposto, o que também pode revelar certa estereotipia de gênero, o que fica representado nas falas anteriores. Assim, ao identificarem que certos comportamentos, desde a infância, não eram “esperados” para seus filhos, passaram a “desconfiar” que esses pudessem apresentar orientações quanto à sexualidade que divergiam do que era esperado na família, o que pode

denotar a heteronormatividade como condutora desse processo. As percepções quanto à orientação sexual futura dos filhos, a partir desses relatos, tomam por base a expressão de comportamentos sociais (como brincadeiras, por exemplo) que são tipificados como masculinos ou femininos, permitindo caracterizações bastante restritas acerca do que é ser *gay* ou *lésbica*. É importante afirmar que a expressão de comportamentos sociais toma por base uma série de fatores, como tradições, crenças e construções culturais e históricas, de modo que tais modos de ser e de se comportar podem variar de uma cultura a outra, sendo ilusória a identificação rígida de expressões estritamente masculinas ou femininas, como as aqui retratadas (Louro, 2004; Palma, Piason, Bezerra, & Strey, 2010; Pereira & Oliveira, 2016; Ribeiro, 2006; Ryan, Russell, Huebner, Diaz & Sanchez, 2010; Sabat, Trump, & King, 2014; Saggese, 2009; Sanders, 1994; Willoughby, Malik, & Lindahl, 2006).

Na visão da família, o processo do *coming out* passou por etapas, desde a descoberta à aceitação - em casos em que esta ocorre -, passando pela frustração, dúvidas, medos e acolhimento, como pode ser observado na fala de Beatriz, que diz ter sido

Um susto muito grande. Eu fiquei quatro dias sem conversar. Eu não conseguia falar com eles. Não conseguia falar com o meu marido. Não falava com ninguém. Chorava, chorava, chorava, chorava. (...) aí eu fiquei um bom tempo me culpando, aonde que eu errei. (...) Até que chegou o dia que falei: “Gente eu não errei nada.” (...) Não foi eu que errei. Eles já têm idade que é certo e o que é errado. Então a partir do momento, que eu assumi que não errei nada. (...) Aí depois desses quatro dias, aí que fui conversa com eles. (...) Aí eu falei pra eles: “Eu não vou fala de uma hora pra outra, que isso é uma coisa normal. Porque o normal é muito relativo. O normal depende de quem tá vendo. Mas pra mim, o normal seria homem e mulher juntos. Não mulher com mulher, nem homem com homem. Pra mim isso sempre foi, não é anormal, mas nunca foi o correto né. Então não tem como eu abri a minha cabeça de

uma hora pra outra e enfia isso lá dentro, porque meus filhos resolveram que são homossexuais.” Resolveram não, assumiram que são. Então eu conversei com eles, falei que ia respeita, que ia convive, mesmo não aceitando.

De acordo com Alves e Moniz (2015) e Frazão e Rosário (2008), a família é compreendida como a fonte de construção de sentimentos de todo e qualquer indivíduo. E para que o(a) homossexual revele a orientação sexual para a família, este passa por uma série de conflitos internos até o momento da revelação. Trata-se de um fenômeno cada vez mais comum, o que mostra reações contraditórias e, por vezes, violenta, por parte da família e da sociedade. Os autores esclarecem a importância do acolhimento da família no momento da revelação, o que favorece o fortalecimento dos laços e dos vínculos, o que, em contrapartida, diminui o índice de agressões nos núcleos familiares e socialmente.

Neste sentido, os(as) irmãos(ãs) apresentaram um papel fundamental no *coming out*, uma vez que eles buscaram cuidar do(a) irmão(ã), como conta Amanda, que representa os demais irmãos e irmãs entrevistados: “(...) eu pedi pra ele era pra ele toma cuidado. Porque principalmente, em questão relação sexual. Falei se previna. (...) É a única coisa que martelei muito com ele isso. Parece que é muito à flor da pele, o momento que eles vivem, sabe? Então a minha preocupação com ele foi apenas essa”. Assim como discutido anteriormente, as reações à revelação da homossexualidade também acabam tendo como corolário expressões rígidas e estereotipadas do que é a homossexualidade. Neste caso, a homossexualidade emerge associada a uma atividade sexual considerada descontrolada, desregrada, que merece maior atenção em comparação, por exemplo, com as atividades heterossexuais. As preocupações familiares aparecem associadas às expressões sexuais da homossexualidade, o que também carrega posicionamentos considerados rígidos e preconceituosos (Dew & Chaney, 2005; Hauer & Guimarães, 2015; Nunan, 2010; Silva, Frutuoso, Feijó, Valerio, & Chaves, 2015).

A revelação da orientação sexual chegou de um modo mais sereno para os pais entrevistados, sendo que Marcos é pai de homossexual masculino e Luiz é pai de homossexual feminina. Para ambos, a descoberta aconteceu de maneira espontânea e já haviam desconfiado desta possibilidade e souberam acolher bem os filhos neste momento. Vale ressaltar que nem sempre os pais recebem essa notícia de modo ameno, sendo este um dos principais motivos pelo qual o(a) homossexual oculta a identidade sexual não-normativa (Pérez-Sancho, 2005, Savin-Williams & Ream, 2003). Ao contrário do que apresentado por Pérez-Sancho (2005), os sentimentos de culpa, negação, vergonha e afastamento da família não ocorreram no caso destes jovens, uma vez que seus pais os acolheram desde o início, o que facilitou o diálogo e novas oportunidades de estreitar os laços. Relatam aceitar a orientação do(a) filho(a), bem como fazem questão de estarem sempre por perto para ajudar no que for preciso, assim como em alguns estudos, nas quais revelam que em suas pesquisas os pais tiveram reação mais positiva do que as mães (Costa, Oliveira, & Nogueira, 2010; Oliveira, Pereira, Costa, & Nogueira, 2010). Marcos conta o momento da revelação, transparecendo tranquilidade e aceitação de imediato, relatando que

Quando eu comprei o primeiro computador, né. Passou a vir um vizinho aqui junto. Então a gente percebe assim, um tipo de coisa. Mas um dia ele chegou e falou: “Pai senta aí, que preciso falar uma coisa com você.” Aí eu falei: “Pode falar filho. Tô com pressa. Deixa eu trabalhar.” Ele falou: “Não, senta aí. O senhor sabe porque eu fico até de madrugada no computador e tal? Eu fico conversando, pai, com uma pessoa lá, em Camboriú. E o que tenho pra dizer pro senhor, que eu sou gay.” Eu lembro, por mais que você... Aí abaixei a cabeça e levei aquela coisa, aí a resposta que dei pra ele: “Tô com você até a morte, meu amor. Depois da morte não tem jeito. Até a morte, eu tô com você”.

As reações positivas dos pais entrevistados no presente estudo podem estar ligadas ao próprio fato de os mesmos terem consentido com a participação na pesquisa. Como explicitado no Método, muitos pais se recusaram a dar entrevista, sendo que as justificativas eram as de que tinham pouca vinculação com os filhos ou que ainda não aceitavam a homossexualidade dos mesmos. A recusa, nesse sentido, também pode ser compreendida como um dado importante acerca do tema. Assim, esses pais entrevistados denotam uma maior aceitação do processo, em uma postura que contribui para o acolhimento dos filhos e, conseqüentemente, para a livre expressão de sentimentos, comportamentos e também o estabelecimento de relacionamentos amorosos desses filhos com seus parceiros.

Quando os membros das famílias foram questionados se gostariam de saber acerca da homossexualidade do(a) filho(a)/irmão(ã) ou que este não revelasse, a resposta foi unânime: todos responderam que gostariam de saber, uma vez que, embora seja algo às vezes difícil de compreender e aceitar, o amor pelo ente é maior, como relatado por Julia (irmã): *“Eu acho que não conseguiria. De não sabe que assim, ele não tava sendo feliz. Eu acho que ele te me contado, me deixou mais feliz ainda. (...) uniu mais ainda a gente. Por isso gostei muito de ficar sabendo”*. Já Carla (irmã) também contou que *“(...) pra mim é normal”*. Para Joana (mãe), *“a gente tem que reconhecer. Independente da sexualidade e tudo, reconhecer... Reconhecer o tanto que é importante ter alguém que ame nossos filhos, que cuide deles e que seja capaz até de transformá-los né”*.

A partir deste cenário, a literatura aponta que as famílias, embora haja a crise inicial, com o passar do tempo aceitam melhor o processo, o que não significa concordar com a expressão da sexualidade do ente, mas de poder ter conhecimento dessa orientação para fazer parte da vida do mesmo. Tal atitude da família colabora para preservação da integridade do(a) filho(a), de modo que este viva de forma honesta consigo e com os outros, podendo

expressar sua orientação sexual (Cianciotto & Cahill, 2003; Goldfried & Goldfried, 2001; Guarnero, 2007; Savin-Williams, 2001).

Outra questão abordada foi a de como mães, pais e irmãos(ãs) imaginam ser a vida de um(a) homossexual que não se revela. As respostas foram semelhantes, sendo que todos os participantes acreditam ser muito triste não poder revelar e assumir de fato quem a pessoa é, e, embora tenham essa fala, o preconceito ainda surge de alguns modos, o que contradiz o que eles pensam com o que praticam, como pode ser observado na fala de Jean (irmão), que fala que

Olha, sinceramente, é de não seguir a geração dela [o que o incomoda no fato da irmã ser lésbica], entendeu? De ela assim, de eu saber que, talvez, não sei, porque filho qualquer um hoje pode ter. Mas, como te digo, de às vezes pegar um sobrinho que vai nascer do ventre dela, isso aí é uma dificuldade que eu tenho dentro de mim. Não é com que eu não aceito, mas eu tenho essa certa dificuldade ainda, de não aceitação dessa parte. De ela, ela não seguir, assim, a doutrina que ela foi criada, isso aí é uma coisa que eu respeito, essa opinião dela, mas a doutrina que a gente foi criado não foi essa, os ensinamentos que a gente recebeu dos nossos pais, mas, vamos levando a vida, né.” (Otávio).

Já Felipe acredita ser “(...) normal. Eu sou amigo do namorado dele. Ele é super gente boa. Trato ele com o maior carinho do mundo, entendeu? Pra mim não faz diferença nenhuma não”, o que nos mostra que cada membro da família tem seu modo de pensar acerca da orientação sexual. Além disso, nota-se que as questões religiosas podem implicar no modo do núcleo familiar, ou de parte dele, lidar com o *coming out*, como no caso de Jean. De acordo com Campos e Guerra (2016) a religiosidade, embora seja um fator associado ao bem-estar e a saúde mental, pode também afetar os(as) homossexuais e suas famílias. Nota-se que as religiões que não são afirmativas no que tange à orientação sexual

estão diretamente relacionadas a níveis mais elevados de homofobia internalizada tanto por parte da família quanto do(a) homossexual (Cerqueira-Santos, Carvalho, Nunes, & Silveira, 2017; Guerra, Gouveia, Sousa, Lima & Freires, 2012; Mesquita & Perucchi, 2016; Natividade, 2010; Ribeiro & Scorsolini-Comin, 2017; Walker & Longmire-Avital, 2013).

Quando se trata de homofobia intrafamiliar, as opiniões divergem entre os entrevistados, sendo que alguns negam haver em casa e outros, da mesma família, assumem que existe. Nota-se uma dificuldade em assumir o preconceito em casa, sendo este velado com frequência, por meio de falas como *“te aceito como é, mas não vamos contar para ninguém”*, *“esse é um tipo de coisa que não fica comentando por aí”* (Beatriz, mãe). Neste sentido, Pérez-Sancho (2005) menciona a transferência para o “armário simbólico”, nas quais os pais fazem um tipo de pacto com os(as) filhos(as) que revelaram a orientação sexual, ou seja, eles sabem mas pedem para que este assunto seja silenciado, o que repercute o estigma heterossexista proposto pela sociedade.

Inicialmente, a maior parte dos entrevistados nega ter preconceito em casa, mas, entrelinhas, o preconceito aparece em falas como na família de Bruno, onde ele, a mãe e a irmã têm pontos de vista distintos, em que a irmã conta que *“percebo que meu padrasto tem preconceito”* (Letícia, irmã), e, em contrapartida, Sandra (mãe) relata que *“não há preconceito em minha casa, meu marido sabe e aceita meu filho”*. Outro contraponto é que, na fala de Bruno, ele acredita que seu padrasto não sabe da sua homossexualidade, como pode ser visto na fala dele quando diz que *“meu padrasto não sabe, acho que minha mãe não contou”*. Sendo assim, nota-se as questões veladas dentro do núcleo familiar, que se contradizem dentro dela mesma, ocasionando momentos de desconforto entre as partes, principalmente para aqueles que percebem o preconceito. Estudos relatam que o preconceito no contexto familiar pode ser entendido como um mecanismo de violência dentro da própria família, ocasionando rupturas entre os membros, além de ser vista como uma defesa, ataque,

interdição, ou até ignorada, ou até mesmo como um modo de opressão por não seguir o modelo heteronormativo (Carrara & Ramos, 2006; Cassar & Grima Sultana, 2016; Chrisle, 2017; Costa & Nardi, 2015; Hereck, 2004; Laghi et al., 2015; Martin, 2016; Nascimento & Pimentel, 2011; Rondini, Teixeira Filho, & Toledo, 2017; Souza, Silva, & Santos, 2015).

No que tange ao Diagrama de Escolta, a rede de apoio das mães consistiu em familiares no primeiro círculo, amigos no segundo e parentes mais distantes no terceiro. Algumas mães contaram com o apoio de suas próprias mães, que aceitaram a homossexualidade do(a) neto(a) primeiro que muitas delas. As mães comentaram o receio de dividir com a família estendida – tias, primos, entre outros – com medo dos possíveis julgamentos. Contudo, puderam contar com algumas destas pessoas para que pudessem ter abertura para assumir para o restante da família. Já a rede de apoio dos pais se resume ao próprio núcleo familiar, não sendo algo comentado com amigos nem com parentes distantes. Relataram que a esposa e os próprios filhos foram suas redes e que não foi um processo difícil, em comparação aos relatos das mães. Os(as) irmãos(ãs), em todos os casos, foram as redes de apoio dos(as) homossexuais que estavam revelando a orientação sexual. Para conseguirem ajudar seus(suas) irmãos(ãs), eles buscaram ajuda em colegas de trabalho e primos próximos no primeiro círculo, sendo o segundo círculo formado, em sua maioria, por pessoas do trabalho e, por último, parentes mais distantes e colegas com quem não possuem contato frequente.

A rede de apoio, já citada nas entrevistas e expandida por meio do Diagrama de Escolta, reforça sua importância nos casos de revelação da orientação sexual, uma vez que este é um momento íntimo de cada pessoa da família e que precisa de pessoas de confiança para ajudá-las a passar pelas mudanças inerentes ao processo (DiFulvio, 2011; Hank & Salzburger, 2015; Oksal, 2008). Como mencionado, alguns dados do presente estudo merecem ser destacados. O primeiro deles é que os irmãos constituíram uma importante rede

para os homossexuais que se assumiram, compondo uma fonte de apoio e acolhimento que pode ser decorrente do fato de que possuem idades próximas ou que ocupam a mesma posição na hierarquia familiar, ampliando a sensação de empatia pelo outro. O fato dos irmãos apoiarem o *coming out* também pareceu contribuir para que os genitores compreendessem melhor o processo. As mães buscaram apoio em figuras da própria família, com destaque para o papel das avós nesse processo. Já os pais se remeteram aos membros da própria família nuclear, com dificuldades de expor a situação para pessoas de fora do círculo mais íntimo de convivência. Assim, é lícito conjecturar que os pais tenham maior dificuldade em compartilhar esses eventos com pessoas fora da família nuclear, em contraposição ao que aconteceu com as mães e os demais filhos, uma vez que é esperado que o homem tenha o domínio patriarcal, logo, como “permitir” que um filho seja *gay* e, em contrapartida, a mulher mantém uma postura subjugada ao homem, e, em posição de fragilidade, isso em relação às desigualdades de gênero e a conduta esperada por uma sociedade patriarcal (Figueiredo, Divino & Ferreira, 2012; Silva & Piccinini, 2007). Na fala da mãe Beatriz, é nítido o comportamento esperado vindo de um homem, relacionando a revelação da homossexualidade e a sociedade, relatando que

Eu acho que quando é homem o sofrimento é maior. O preconceito é maior. A aceitação das pessoas assim, do mesmo ambiente. As piadinhas são mais cruéis. Tudo é mais cruel, pro lado do homem, eu acho. E porque é assim, porque eu fui criada de uma forma, que o normal é homem e mulher. Mas mulher pode se cumprimenta, se beija, se abraça, que é uma coisa normal. E homem não chora, não se abraça. Homem não se beija. Não se cumprimenta com beijo. Não se beija, eu falo assim, cumprimenta com um beijinho e tal. Então tudo é mais difícil, pra quando é homem.

Nota-se que o processo de *coming out* reflete diretamente nas questões familiares, como pode ser observado nas falas dos entrevistados. A maior parte dos relatos conta que

após a revelação as relações melhoraram, estreitaram, e que “sair do armário” fortaleceu o vínculo familiar. Em contrapartida, na família na qual os pais ainda não aceitam, esta relação ficou estremecida, fazendo com que os filhos se afastassem, a fim de vivenciarem sua sexualidade longe de quem os rejeita de alguma forma. Em suma, a família possui papel ativo diante da revelação da orientação sexual, seja de modo positivo - com apoio, acolhida, cuidados -, ou de modo negativo - tratando com rejeição, indiferença e preconceitos. Diante das entrevistas, fica evidente que nos casos em que a família está por perto e acompanha seu filho positivamente a relação entre eles se fortalece, além de promover maior ajustamento psicossocial, como no caso de Amanda, que conta que “(...) *acho que ficamos mais unido. Porque a gente conversa mais. Porque ele tem mais abertura, pra falar algumas coisas. Pra fala aonde vai, com quem está*”. Também fica evidente que a “aceitação” da homossexualidade pode se dar em diferentes níveis, todos denotando algum grau de inteligibilidade acerca desse processo, o que pode ser expresso também em termos de respeito pela diferença, escuta, preocupação, ora como tolerância e possibilidade de convívio sem maiores conflitos em decorrência desse evento. Nota-se também que esta “aceitação” oscila, sendo que em algumas falas ela parece ser real e, logo em seguida, esta fala sofre alterações e os entrevistados demonstram que a aceitação não é algo tão real assim. É importante este destaque, pois, embora muitos entrevistados digam que aceitam, na verdade ainda não aceitam e têm dificuldades de expor este sentimento, já que sabem da importância do apoio da família para o(a) homossexual diante da revelação. Assim, a “aceitação” parece ser um evento multifacetado e que comporta diferentes expressões a depender de cada núcleo familiar.

A homossexualidade e suas repercussões na vida de gays e lésbicas no núcleo familiar

O presente eixo apresenta a visão dos(as) próprios(as) homossexuais acerca de como foi – e está sendo – o processo de *coming out* para eles mesmos, seus pais e irmãos. Serão destacados pontos relevantes a partir da perspectiva dos entrevistados, que sempre deixam muito clara a percepção dos preconceitos vividos, bem como a importância de pessoas do núcleo familiar que de fato os apoiam e dão forças para caminharem mais seguros. Vale ressaltar que nas entrevistas analisadas não houveram relatos de violência física, apenas psicológica. Os casos múltiplos aqui analisados foram explorados de acordo com as semelhanças e diferenças entre as falas, a partir de uma leitura transversal das entrevistas.

A homossexualidade se reflete de diferentes modos na vida de quem a assume, com variações que vão desde serem bem acolhidos em casa à expulsão do núcleo familiar (Campos & Guerra, 2016; Perucchi, Brandão, & Vieira, 2014; Poeschl, Venâncio, & Costa, 2012; Rondini, Teixeira Filho, & Toledo, 2017; Santos & Fernandes, 2009). De acordo com as entrevistas realizadas, observa-se que as repercussões na vida de gays e lésbicas foram, de um modo geral, bem-sucedidas, apesar de, no início do processo, ter havido uma série de questionamentos por parte de algumas famílias e, em outras, a acolhida chegou de modo mais breve. Vale ressaltar que a maior parte dos pais não participou da pesquisa porque não aceitam seus filhos e não falam sobre o assunto, o que foi considerado pelos entrevistados um fator negativo no *coming out*, já que a família acaba se dividindo diante desse tipo de comportamento, uma vez que os(as) companheiros dos(as) filhos(as) não podem compor ao núcleo familiar, por exemplo. É importante lembrar que cada família possui seu modo de viver, compreender e perceber a vida e suas nuances, o que promove a diferenciação de uma família para outra, além do fato da aceitação ser oscilante na maior parte dos casos.

O processo de *outness* – processo de assumir a homossexualidade para si mesmo – variou entre os entrevistados, pois cada família teria um modo de receber essa informação, de

acordo com eles. Quando perguntado o modo como gostariam que a família recebesse a informação, alguns entrevistados brincaram, como, por exemplo, na fala de Artur, que diz “Ah! Festa, bolo, guaraná, etc”. Já Pedro pensa que “Na verdade, eu queria que não precisasse contar. Porque eu acho ridículo, você já contou, sabe? Que? Não faz sentido, precisa contar. Você não conta que é heterossexual. Pra mim, não tem que existe que tem que contar. (...)”. Os entrevistados compreendem que essa atitude é um tanto utópica, já que o *coming out* proporciona quebras de expectativas que os pais criam sob seus(suas) filhos(as), como casar na igreja e ter filhos - em um primeiro momento as famílias acreditam que estes sonhos não poderão mais ser realizados, porém, podem ser realizados de outras formas. A idealização de um futuro heterossexual que os pais sonham para os filhos é um dos responsáveis pelo sentimento de desapontamento e frustração ao saber da orientação sexual (Costa, Pereira, Oliveira, & Nogueira, 2010; França, 2009; Galli, Vieira, Giami, & Santos, 2013; LaSala, 2000; Rossi, 2010; Savin-Williams, 2001). Assim, nota-se que o *coming out* pode ser benéfico ou desvantajoso, variando com os contextos sociais, ambientais, os significados atribuídos por quem recebe a informação, bem como o momento em que a revelação é feita. E, apesar das oscilações possíveis, os(as) entrevistados, assim como no estudo de Xavier (2013), acreditam ser de suma importância revelar a homossexualidade, pois assume-se uma identidade aos pais, se sentem mais honestos, livres e sem os pesos causados quando se esconde algo.

Nas entrevistas foi possível perceber os receios do *coming out* na família, uma vez que o(a) homossexual deixa claro o medo da rejeição e de outros fatores negativos que poderiam fazer e que fizeram parte do momento da revelação (Teixeira, Marretto, Mendes, & Santos, 2012). Em todas as famílias entrevistadas há outras pessoas homossexuais na família extensa, o que foi positivo em alguns casos e negativos em outros, pois alguns homossexuais são bem sucedidos e são exemplo na família e outros, não são bem sucedidos na profissão e

nos relacionamentos de modo geral. Vale ressaltar que em grande parte o *coming out* teve iniciativa pelos próprios homossexuais, pois almejavam uma vida livre e buscavam o apoio da família, até mesmo em busca de melhorias em suas relações amorosas e sociais. Os sujeitos focais revelaram a homossexualidade, em sua maioria, por volta dos 16 anos em média, sendo a mãe e os irmãos os primeiros a saber da orientação sexual. Foi um marco importante para todos na família, pois a partir daí abriram diálogo ou se afastaram – principalmente a figura paterna. Esse afastamento pode ser visto como no caso de Sofia, na qual sua mãe passou dias sem conversar com ela após o *coming out*:

Mãe, você que conversar?” Ela falou: “Hoje não.” Aí a gente deixou ela quieta. E aí, no outro dia, ela chamou a gente e falou: “Vamos conversar.” Aí ela falou: “Eu conversei com o seu pai e preferiu não estar presente, porque não que fala nada. Nada nervoso. Que não queira falar né.” Uma coisa assim. Ele ficou sabendo pela minha mãe. E eu achei que ele ia totalmente me ignorar depois disso. Porque sou muito apegado ao meu pai também. Eu achei que ele ia me ignorar, que não ia falar mais comigo, que muito tipo: e agora? Mas até então, tá tudo de boa”.

Também relataram a importância de seus irmãos nesse processo, o que os fortaleceram para contar a todos sobre a homossexualidade e, posterior à revelação, o apoio dos(as) irmãos(as) foi incondicional para que as relações dentro e fora de casa ficassem mais leves e seguras, pois sabiam que a sociedade poderia apresentar preconceitos, mas que em casa, ao menos com os(as) irmãos(as), o acolhimento e a segurança de serem compreendidos era possível e real. Nota-se a importância do acolhimento no núcleo familiar, no caso representado pelos irmãos dos entrevistados, os quais colaboram para o equilíbrio psicossocial destes, além de ajudar no possível processo de rejeição por parte do pai ou da mãe, o que favorece o ajustamento psicológico e a integridade da identidade do(a) homossexual que está passando pelo *coming out*. Faz-se necessário ressaltar que os

homossexuais relatam perceber tais movimentos em suas casas, onde seus irmãos interferem de modo positivo para que sejam aceitos pelos pais e, no caso da homossexual feminina, Gisele, que o irmão não concorda com sua orientação sexual, ela deixa clara a importância de sua mãe, Vera, no processo de revelação, uma vez que estiveram juntas durante todo o processo e sua mãe não a deixou sozinha em momento algum (Cadieux & Chasteen, 2015; Etengoff & Daiute, 2013; Pereira & Leal, 2005; Rosario, Schrimshaw & Hunter, 2011).

No que tange ao preconceito em casa, os(as) homossexuais alegam que sentem isso por parte de algum parente, sendo apenas dois entrevistados, uma homossexual feminina e um masculino, que relataram sentir isso dentro de casa, por parte do pai e do padrasto. Tal preconceito é notado em situações cotidianas, como, por exemplo, não poder levar o(a) companheiro(a) em casa, em festas de família, não poder falar sobre seus sentimentos em casa, entre outros. Para Sofia, o preconceito acaba por perpassar toda a família, como, por exemplo, ao falar de andar de mãos dadas com a namorada, *“Mas é querendo ou não, tem certas pessoas que não gosta de ver. Até eu sendo, vendo alguém andando de mão: “Nossa!” Você olha, né. Tá andando de mão (...). Tem pessoas, igual o meu pai, se me vê andando na rua de mão dada, ele não vai gostar. Vai pirar”*. Vale ressaltar que as reações negativas dos pais estão baseadas em medos que têm em relação aos filhos, como, por exemplo, receio de serem excluídos porque o filho fará parte do universo *gay*, serem excluídos de instituições religiosas, contaminação por doenças, atitudes promíscuas, ou ainda, que não consigam manter uma relação duradoura com o(a) parceiro(a) (Borges & Meyer, 2008; Cerqueira-Santos, Carvalho, Nunes, & Silveira, 2017; Costa, Oliveira, & Nogueira, 2010; Frazão & Rosário, 2008; Junqueira, 2007; Saltzburg, 2004). Tais receios, apresentados como preocupações genuínas por parte dos familiares, revelam compreensões binárias, heteronormativas, estereotipadas e preconceituosas acerca das expressões das sexualidades, o que pode também dificultar e ocasionar oscilações no processo de aceitação.

Nota-se que, apesar das dificuldades encontradas pelos(as) entrevistados(as) assim que passaram pelo *outing* e pelo processo do *coming out*, estes fazem parte de um grupo de homossexuais que têm o apoio da família de alguma forma, e, mesmo aquelas em que a aceitação ainda não é a realidade, eles tentam ajudar a filha para que não passe nenhuma dificuldade financeira ou na sociedade, como pode ser observado na fala de Marina, que conta que, embora os pais não aceitem, sua namorada praticamente reside na casa de sua família, sendo tratada como filha e membro da casa: *“Mas igual, logo depois que a gente assumiu, a gente foi pra praia. Aí meu pai tava super de boa. Conversa com ela. Senta do lado, normal. Como se fosse da família, mesmo”*.

De acordo com a literatura, o apoio familiar colabora para que seja feita uma base sólida dentro do próprio núcleo, dando suporte ao(a) homossexual e é um dos modos encontrados pelo seio familiar de impedir o preconceito que os(as) filhos(as) podem vivenciar na sociedade, embora este preconceito esteja velado dentro da própria casa. Mas na visão dos homossexuais, mesmo esta aceitação não sendo completamente real, o modo como a repercussão está se dando já pode ser entendida como o suficiente para manterem uma boa saúde mental e não terem maiores problemas tanto emocionais, físicos e sociais (Carrara & Ramos, 2006; Campos & Guerra, 2016; Hauer & Guimarães, 2015; Hoffarth & Bogaert, 2017; Miskolci, 2015; Perrin-Wallqvist, & Lindblom, 2015; Robbins, Low, & Query, 2016; Teixeira, Marretto, Mendes, & Santos, 2012). Embora a palavra “aceitação” oscile nos diálogos e nos comportamentos da família, os homossexuais julgam que a atual condição de vida não está ruim, se comparada a de colegas que revelaram a homossexualidade e foram expulsos de casa, por exemplo (Frazão & Rosário, 2008; Guarnero, 2007; Hereck, 2004; Laghi, et al., 2015; Manning, 2015; Mariano, Pizzi, Schmidt, Silva, & Garcia, 2012; Needham & Austin, 2010; Oliveira, 2012; Ryan, Huerbner, Diaz, & Sanchez, 2009; Shilo & Savaya, 2011).

A partir da triangulação das entrevistas dos(as) homossexuais e o Diagrama de Escolta que cada um preencheu, pode-se observar a presença de amigos no primeiro círculo, amigos de faculdade no segundo e parentes mais distantes no terceiro círculo, em sua maioria. Alguns participantes também inseriram no primeiro círculo o auxílio que conseguiram pela Internet, como em blogs e canais no YouTube®. A religião apareceu em alguns casos, sendo inserida no primeiro círculo. Nota-se que as mesmas pessoas que os(as) homossexuais citaram nas entrevistas também apareceram no Diagrama, bem como surgiram novos nomes e histórias diante do processo de escrita, o que enriquece e colabora com mais informações para a pesquisa. Assim como citado anteriormente, a rede de apoio é essencial para o bem-estar dos(as) jovens no processo do *coming out*, uma vez que participa de modo ativo de um momento delicado na vida destas pessoas (Diamond & Shpigel, 2014; Feinstein, Wadsworth, Davila, & Goldfried, 2014; Silva Filho & Rodrigues, 2012; Silva & Nardi, 2011).

De modo geral, nota-se que os participantes foram bem acolhidos em suas casas, o que não propiciou relatos de perda de qualidade de vida em seus mais diversos âmbitos, não tendo relatos de grandes discórdias e/ou outros conflitos maiores. Aconteceram embates, falta de compreensão e desentendimento inicial, mas com o passar do tempo esses eventos foram diminuindo ou cessando, embora ainda haja questões de não aceitação veladas.

Considerações Finais

O presente estudo, que teve como objetivo conhecer as percepções de mães, pais, irmãos(ãs) e dos(as) homossexuais acerca da repercussão do *coming out* na família, conseguiu alcançar o objetivo esperado. Observa-se que mesmo nas famílias que dizem aceitar a homossexualidade, no decorrer da entrevista, acabam por deixar claro ou nas entrelinhas que ainda estão no processo de aceitação. Isso pode ser compreendido como um

convite ao entendimento de que a aceitação e o acolhimento são exercícios constantes nas famílias, o que pode ser revisitado sempre que algum evento novo emergir, como um novo relacionamento do(a) filho(a), por exemplo. De modo similar, o respeito pelas expressões afetivas e sexuais que destoam da norma deve ser um exercício constante nas famílias.

Ressalta-se que as limitações apontam para a necessidade de se conhecer outros membros da família, como avós, tios e primos, além de ser de suma importância conhecer mais pais dispostos a falar sobre a homossexualidade do(a) filho(a). Outra limitação se refere ao tipo de análise realizada, tendo como sugestão para estudos futuros realizar a análise de casos múltiplos com os núcleos familiares e não com os grupos, como explorado no presente estudo. O fato de apenas dois pais terem aceitado participar da pesquisa também é um fator limitante e entende-se a necessidade de conhecer mais relatos da figura paterna no contexto do *coming out*.

Em relação às redes de apoio, percebeu-se que amigos, primos, tios e parentes mais próximos tiveram papel importante no processo de *coming out*, bem como para o processo de aceitação, o que demonstra que o apoio constante pode ser benéfico diante da revelação. As potencialidades da pesquisa indicam que os estudos relacionados às questões de gênero, mais precisamente o que se refere à homossexualidade, precisam ser mais explorados por meio de novas pesquisas, a fim de abranger outros pontos que possam colaborar para o melhor entendimento e compreensão da temática. É de suma importância compreender que cada membro entrevistado tem suas necessidades de intervenção, ou seja, cada um necessita de cuidados e atenção diferenciados diante do *coming out* – pode ter aqueles que preferem ficar um tempo sozinhos, ou aqueles que precisam conversar constantemente, por exemplo. Uma possibilidade de novo estudo seria de explorar as redes de apoio, entrevistando também essas pessoas – amigos, tios, primos – para também conhecer o ponto de vista da rede em relação

ao processo do *coming out* e compreender como estas pessoas entendem a revelação da homossexualidade.

Nota-se que as dinâmicas familiares variam de um núcleo para o outro, assim como dentro de cada núcleo. Longe de buscar normalidades nas expressões dessas percepções, vale ressaltar a importância de se conhecer qualitativamente a visão de cada membro da família diante do tema em questão não apenas como forma de evidenciar diferentes posicionamentos como também para contribuir com a emergência de uma cultura de maior acolhimento, aceitação e respeito pelas diversidades, em um exercício constante dentro e fora das famílias.

Referências do Estudo 2

- Alvez, E. A., & Moniz, A. L. F. (2015). A família no processo de *coming out*: sair do armário. *Jornal Brasileiro de Ciência da Saúde*, 1(1), 1-14.
- Araújo, A. C. C. (2009). Ruas e bancas coloridas: os discursos da imprensa sobre as identidades homossexuais nas Paradas LGBT do Rio de Janeiro e de São Paulo. *Revista ComUnigranrio*, 1, 1-19.
- Badinter, E. (1993). *XY – sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baére, F., Zanello, V., & Romero, A. C. (2015). Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? *Bioética*, 23(3), 623-633.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Borges, Z. N., & Meyer, D. E. (2008). Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. *Ensaio: Avaliação em Políticas Públicas em Educação*, 16(58), 59-76.
- Butler, J. (2003). O parentesco é sempre tudo como heterossexual? *Cadernos Pagu*, 21, 219-260.

- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cadieux, J., & Chasteen, A. L. (2015). You Gay, Bro? Social Costs Faced by Male Confronters of Antigay Prejudice. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(4), 436-446.
- Campos, L. S., & Guerra, V. M. (2016). O ajustamento familiar: associações entre o apoio social familiar e o bem-estar de homossexuais. *Psicologia em Revista*, 25(1), 33-57.
- Carrara, S., & Ramos, S. (2006). A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, 16(2), 185-205.
- Cassar, J., & Grima Sultana, M. (2016). Sex is a minor thing: parents of gay sons negotiating the social influences of coming out. *Sexuality & Culture*, 20(4), 987-1002.
- Castañeda, M. (2007). *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: Girafa.
- Cavalcante, R. B., Calixto, P., & Pinheiro, M. M. K. (2014). Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Revista Informação & Sociedade: Estudos*, 24(1), 13-18.
- Ceballos-Fernández, M. (2014). Identidad homosexual y contexto familiar heteroparental: implicaciones educativas para la subversión social. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, 12(2), 643-658.
- Cerqueira-Santos, E., Carvalho, C. A. S. G., Nunes, L. M., & Silveira, A. P. (2017). Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 25, 691-702.

- Cerqueira-Santos, E., Silva, B. B., Rodrigues, H. S., & Santos, L. (2016). Homofobia internalizada e satisfação conjugal em homens e mulheres homossexuais. *Contextos Clínicos*, 9, 148-158.
- Chrisle, A. J. (2017). Understanding parent reactions to coming out as lesbian, gay, or bisexual: a theoretical framework. *Journal of Family Theory and Review*, 9(2), 165-181.
- Cianciotto, J., & Cahill, S. (2003). *Issues affecting lesbian, gay, bisexual and transgender youth*. New York: National Gay and Lesbian Task Force Policy Institute.
- Corliss, H. L., Austin, S. B., Roberts, A. L., & Molnar, B. E. (2009). Sexual risk in “mostly heterosexual” young women: influence of social support and caregiver mental health. *Journal of Women’s Health*, 18(12), 2005-2010.
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em Psicologia*, 23(3) 715-726.
- Costa, C. B., Machado, M. R., & Wagner, M. F. (2015). Percepções do homossexual masculino: sociedade, família e amigos. *Temas em Psicologia*, 23(3), 777-788.
- Costa, C. G., Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2010). Os discursos das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. Oliveira (Orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero* (pp. 211-241). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Costa, C. G., Pereira, M., Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2010). Imagens sociais das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. Oliveira (Orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero* (pp. 93-147). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- De Tilio, R. (2014). Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. *Revista Gênero*, 14(2), 125-148.

- Dew, B. J., & Chaney, M. P. (2005). The relationship among sexual compulsivity, internalized homophobia, and HIV at-risk sexual behavior in gay and bisexual male users of internet chat rooms. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 12(4), 259-273.
- Diamond, G. M., & Shpigel, M. S. (2014). Attachment-based family therapy for lesbian and gay young adults and their persistently non accepting parents. *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(4), 258-268.
- DiFulvio, G. T. (2011). Sexual minority youth, social connection and resilience: From personal struggle to collective identity. *Social Science & Medicine*, 72(10), 1611-1617.
- Etengoff, C., & Daiute, C. (2013). Family member's uses of religion in post-coming-out conflicts with their gay relative. *Psychology of Religion and Spirituality*, 6(1), 33-43.
- Facchini, R. (2003). Movimento homossexual no Brasil: recompondo o histórico. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth*, 10(18), 79-123.
- Feinstein, B. A., Wadsworth, L. P., Davila, J., & Goldfried, M. R. (2014). Do parental acceptance and family support moderate associations between dimensions of minority stress and depressive symptoms among lesbians and gay men? *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(4), 239-246.
- Fernandez, O. (2011). Igualdade na diversidade: a luta pelo reconhecimento dos direitos dos homossexuais no Brasil. *Revista Espaço Acadêmico*, 1, 17-26.
- Figueiredo, A. M., Divino, M. A. A., & Ferreira, T. A. (2012). Por que os homens casam com mulheres poderosas? Uma breve análise do tratamento dado às emoções femininas. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 2, 15-28.
- França, M. R. C. (2009). Famílias homoafetivas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(1), 21-33.

- Fração, P., & Rosário, R. (2008). O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares. *Revista Análise Psicológica*, 26, 25-15.
- Friço, J., Zocche, D. A., Vidori, J., Marin, S. M., Prado, G. P., & Klein, M. L. (2014). Políticas públicas de saúde frente às necessidades dos homoafetivos: Reflexão da práxis de enfermagem. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research*, 6(1), 28-33.
- Frost, D. M., Meyer, I. H., & Schwartz, S. (2016). Social support networks among diverse sexual minority populations. *American Journal of Orthopsychiatry*, 86, 91-102.
- Galli, R. A., Vieira, E. M., Giami, A., & Santos, M. A. (2013). Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 447-457.
- Goldfried, M. R., & Goldfried, A. P. (2001). The importance of parental support in the lives of gay, lesbian, and bisexual individuals. *Psychotherapy in Practice*, 57 (5), 681-693.
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Soares, A. K. S., Araújo, R. C. R., & Andrade, J. M. (2012). Valores e motivações para responder sem preconceito frente a homossexuais. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 215-225.
- Guarnero, P. A. (2007). Family and community influences on the social and sexual lives of latino gay men. *Journal of Transcultural Nursing*, 18(1), 12-18.
- Guerra, V. M., Gouveia, V. V., Sousa, D. M., Lima, T. J., & Freires, L. A. (2012). Sexual liberalism-conservatism: the effect of human values, gender, and previous sexual experience. *Archives Of Sexual Behavior*, 41(4), 1027-1039.
- Guimarães, A, F. P. (2009). O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia*, 17(2), 553-567.
- Hank, K., & Salzburger, V. (2015). Gay and lesbian adults’ relationship with parents in Germany. *Journal of Marriage and Family*, 77, 866-876.

- Hauer, M., & Guimarães, R. S. (2015). Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 649-662.
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Heilborn, M. L. (2006). Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 43-59.
- Herek, G. (2004). Beyond 'homophobia': thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research & Social Policy*, 1(2), 6-24.
- Herman, D. (2005). 'I'm gay': declarations, desire, and coming out on prime-time television. *Sexualities*, 8(1), 7-29.
- Hoffarth, M. R., & Bogaert, A. (2017). Opening the closet door: Openness to experience, masculinity, religiosity, and coming out among same-sex attracted men. *Personality and Individual Differences*, 109, 215-219.
- Junqueira, R. (2007). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas: Estudos Gays – Gêneros e Sexualidades*, 1(1), 145-165.
- Klein, K., Holtby, A., Cook, K., & Travers, R. (2015). Complicating the coming out narrative: becoming oneself in a heterosexist and cissexist world. *Journal of Homosexuality*, 62(1), 297-330.
- Kurashige, K. D., & Reis, A. F. (2010). O processo de afirmação da orientação sexual e suas implicações na vida familiar. *Revista Interfaces da Educação*, 1(3), 93-102.
- Laghi, F., Baiocco, R., Baumgartner, E., Marasco, B., Fontanesi, L., Santamaria, F., & Willoughby, B. L. B. (2015). Negative parental responses to coming out and family functioning in a sample of lesbian and gay young adults. *Journal of Child and Family Studies*, 24(5), 1490-1500.

- LaSala, M. C. (2000). Lesbian, gay men, and their parents: family therapy for the coming out crisis. *Family Process*, 39, 67-81.
- Lira, A. N., & Morais, N. A. (2016). Famílias constituídas por lésbicas, gays e bissexuais: revisão sistemática de literatura. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 24, 1051-1067.
- Lira, A. N., & Morais, N. A. (2017). Resilience in lesbian, gay e bisexual (LGB) population: an integrative literature review. *Sexuality Research and Social Policy*, 10, 1-11.
- Lira, A. N., Morais N. A., & Boris, G. D. J. B. (2016). (In)Visibilidade da vivência homoparental feminina: entre preconceitos e superações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 20-33.
- Lira, A. N., Morais, N. A., & Boris, G. D. J. B. (2016). Concepções e modos de viver em família: a perspectiva de mulheres lésbicas que tem filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32, 1-10.
- Lopes, J. R. L. (2005). O direito ao reconhecimento para gays e lésbicas. *Revista Internacional de Direitos Humanos*, 2(2), 65-95.
- Louro, G. L. (2004). *Corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maiffret, A., & Vasconcelos-Bernstein, D. (2014). Coming out: realidade social e conflito psíquico dos homossexuais. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 13(1), 09-16.
- Manning, J. (2015). Communicating sexual identities: a typology of coming out. *Sexuality & Culture*, 19(1), 122-138.
- Mariano, S. A., Pizzi, M. L., Schmidt, N. T., Silva, S. P., & Garcia, L. S. (2012). Conceituando gênero, conjunturas familiares e homofobia para o uso da sociologia no ensino médio. *Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL*, 1(1), 1-21.

- Martin, J. M. L. (2016). Coming out, coming home. *The Family Journal*, 24(3), 304-311.
- Mello, L. (2005). *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Mesquita, D. T., & Perucchi, J. (2016). Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 105-114.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129, 674-697.
- Miskolci, R. (2015). “Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, (44), 61-90.
- Molina, L. P. P. (2011). A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Antíteses*, 4(8), 949-962.
- Moscheta, M., Souza, L. V., Casarini, K. A., & Scorsolini-Comin, F. (2016). Da (im)possibilidade do diálogo: conversações públicas e os direitos LGBTQTS. *Psicologia & Sociedade*, (28)3, 516-525.
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(3), 547-563.
- Nascimento, L. C. S., & Pimentel, A. (2011). Delegacia e defensoria pública no combate à homofobia em Belém do Pará. *Barbarói*, 35, 43-57.
- Natividade, M. (2010). Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião & Sociedade*, 30(2), 90-121.
- Needham, B. L., & Austin, E. L. (2010). Sexual orientation, parental support, and health during the transition to young adulthood. *Journal of Youth Adolescence*, 39, 1189-1198.
- Nicholson, L. (2000). Interpretando gênero. *Revista Estudos Feministas*, 8(2), 9-41.

- Nunan, A. (2010). Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. *Revista Psicologia e Argumento*, 28(62), 247-259.
- Oksal, A. (2008). Turkish family members' attitudes toward lesbians and gay men. *Sex Roles*, 58, 514-525.
- Oliveira, A. (2012). *Amor parental (in)condicional: estudo sobre a influência da percepção da aceitação/rejeição parental em homossexuais, lésbicas e bissexuais*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior da Maia, Universidade do Porto, Portugal.
- Oliveira, J. M., Pereira, M., Costa, C. G., & Nogueira, C. (2010). Pessoas LGBT – identidades e discriminação. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, (pp. 149-210). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Palma, Y. A., Piason, A. S., Bezerra, A. C. M., & Strey, M. N. (2010). Experiências de vida e os processos de visibilidade social de mulheres que amam mulheres. *Aletheia*, 33, 1-13.
- Paula-Couto, M. C. P., Koller, S. H., Novo, R., & Sanchez-Soares, P., (2008). Adaptação e utilização de uma medida de apoio social-diagrama de escolta-para idosos brasileiros. *Universitas Psychologica*, 7(2) 493-505.
- Pereira, A. S., & Oliveira, E. M. B. (2016). Brincadeiras de meninos e meninas: cenas de gênero na educação infantil. *Revista Reflexão e Ação*, 24(1), 272-288.
- Pereira, H., & Leal, I. (2005). A identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde. *Análise Psicológica*, 23(3), 315-322.
- Pereira, V. L. (2004). Gênero: dilemas de um conceito. Em: M. N. Strey, S. T. L. Cabeda & D. R. Prehn (Orgs.), *Gênero e cultura: questões contemporâneas* (pp. 173-198). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Pérez-Sancho, B. (2005). *Homosexualidad: secreto de família: El manejo del secreto en familias com algún miembro homosexual*. Madrid: Egales.

- Perrin-Wallqvist, R. & Lindblom, J. (2015). Coming out as gay: a phenomenological study about adolescents disclosing their homosexuality to their parents. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 43(3), 467-514.
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*, 19(1), 67-76.
- Pistella, J., Salvati, M., Ioverno, S., Laghi, F., & Baiocco, R. (2016). Coming-out to family members and internalized sexual stigma in bisexual, lesbian and gay people. *Journal of Child and Family Studies*, 25(12), 3694-3701.
- Poeschl, G., Venâncio, J., & Costa, D. (2012). Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. *Revista Psicologia*, 26(1), 33-53.
- Prado, M. A. M., & Machado, F. V. (2012). *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez.
- Puckett, J. A., Woodward, E. N., Meireish, E. H., & Pantalone, D. W. (2015). *LGBT Health*, 2(3), 265-269.
- Ribeiro, J. S. B. (2006). Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. *Cadernos Pagu*, 26, 145-168.
- Ribeiro, L. M., & Scorsolini-Comin, F. (2017). Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. *Psicologia & Sociedade*, 29, 162-267.
- Robbins, N., Low, K., & Query, A. (2016). A qualitative exploration of the “coming out” process for asexual individuals. *Archives of Sexual Behavior*, 45(3), 751-760.
- Rondini, C. A., Teixeira Filho, F. S., & Toledo, L. G. (2017). Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. *Psicologia USP*, 28(1), 57-71.

- Rosario, M., Schrimshaw, E. W., & Hunter, J. (2011). Different patterns of sexual identity development over time: implications for the psychological adjustment of lesbian, gay and bisexual youths. *Journal of Sex Research, 48*(1), 3-15.
- Rossi, N. E., (2010). "Coming out" stories of gay and lesbian young adults. *Journal of Homosexuality, 57*, 1174-1191.
- Ryan, C., Russell, S. T., Huebner, D., Diaz, R., & Sanchez, J. (2010). Family acceptance in adolescence and the health of LGBT young adults. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing, 23*(4) 205-213.
- Sabat, I., Trump, R., & King, E. (2014). Individual, interpersonal, and contextual factors relating to disclosure decisions of lesbian, gay, and bisexual individuals. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity, 1*(4), 431-440.
- Saggese, G. (2009). *Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação coming out de homens homossexuais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Saltzburg, S. (2004). Learning that an adolescent child is gay or lesbian: the parent experience. *Social Work, 49*(1), 109-118.
- Sampaio, J. V, & Germano, I. M. P. (2014). Políticas públicas e a crítica *queer*: algumas sugestões sobre identidade LGBT. *Revista Psicologia & Sociedade, 26*(2), 290-300.
- Sanders, G. (1994). O amor que ousa declarar seu nome: do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In E. Imber-Black (Org.), *Os segredos na família e na terapia familiar* (pp. 219-244). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Santos, A. F., & Fernandes, S. C. S. (2009). Enfrentamento, locus de controle e preconceito: um estudo com pessoas de orientação homoafetiva. *Psicologia em Revista (Maringá), 15*(3), 101-119.

- Santos, Y. G. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2015). Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 572-582.
- Savin-Williams, R. C. (2001). *“Mom, dad. I’m gay.”: How families negotiate coming out.* Washington, DC: American Psychological Association.
- Savin-Williams, R. C., & Ream, G. L. (2003). Sex variations in the disclosure to parents of same-sex attractions. *Journal Of Family Psychology*, 17(3), 429-438.
- Scott, J. W. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 16(2), 5-22.
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 17, 19-54.
- Shilo, G., & Savaya, R. (2011). Mental health of lesbian, gay, and bisexual youth and young adults: differential effects of age, gender, religiosity, and sexual orientation. *Journal of Research on Adolescence*, 22(2), 310-325.
- Silva Filho, M. R. S., & Rodrigues, C. I. (2012). Digressões homossexuais notas antropológicas sobre *coming out*, *ethos* LGBT e bajubá em Belém-PA. *Revista NUFEN*, 4(1), 44-58.
- Silva, F. R., & Nardi, H. C. (2011). A construção social e política pela não discriminação por orientação sexual. *Revista de Saúde Coletiva*, 21(1), 251-265.
- Silva, M. M. L., Frutuoso, J. F. F., Feijó, M. R., Valerio, N. I., & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 677-692.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.

- Soliva, T. B., Silva, J. B. Jr., (2014). Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud Y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 17, 124-148.
- Souza, E. J., Silva J. P., & Santos, C. (2015). Homofobia na escola: as representações de educadores/as. *Temas em Psicologia*, 23(3), 635-647.
- Teixeira Filho, F. S., & Rondini, C. A. (2012). Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Revista Saúde e Sociedade*, 21(3), 651-667.
- Teixeira, F. S., Marretto, C. A. R., Mendes, A. B., & Santos, E. N. (2012). Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidade. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 16-33.
- Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F. S. (2013). Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 376-391.
- Torrão Filho, A. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruza. *Cadernos Pagu*, 24, 127-152.
- Trindade, R. (2011). O Mito Da Multidão: Uma Breve História da Parada Gay de São Paulo. *Revista Gênero*, 11(2), 73-97.
- Vianna, C. P. (2015). O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual. *Educação e Pesquisa Revista da Faculdade de Educação da USP*, 1-16.
- Walker, J. J., & Longmire-Avital, B. (2013). The impact of religious faith and internalized homonegativity on resiliency for black lesbian, gay, and bisexual emerging adults. *Development Psychology*, 49(9), 1723-1731.
- Whitley, B. E., & Egisdóttir, E. (2000). The gender belief system, authoritarianism, social dominance orientation, and heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay mem. *Sex Roles*, 42, 947-967.

- Wight, R. G., LeBlanc, A. J., & Lee Badgett, M. V. (2013). Same-sex legal marriage and psychological well-being: findings from the California Health Interview Survey. *American Journal Public Health, 103*(2), 339-346.
- Willoughby, B. L. B., Malik, N. M., & Lindahl, K. M. (2006). Parental reactions to their sons' sexual orientation disclosures: the roles of family cohesion, adaptability, and parenting style. *Psychology of Men & Masculinity, 7*(1), 14-26.
- Xavier, B. M. R. (2013). *E se eu (não) contar quem sou? Estudo exploratório em jovens homossexuais masculinos sobre as percepções das (im)possibilidades da revelação da orientação sexual ao pai: implicações para a construção de identidades sexuais não-normativas*. Dissertação de Mestrado, Mestrado Integrado em Psicologia área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade do Minho, Portugal.
- Yin, R. K. 2005. *Estudo de caso – planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zimmerman, L., Darnell, D. A., Rhew, I. C., Lee, C. M., & Kaysen, D. (2015). Resilience in community: a social ecological development model for young adult sexual minority women. *American Journal of Community Psychology, 55*(1-2), 179-190.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Com base nos dois estudos realizados, nota-se que, embora fosse mencionado o convite ao pai, os(as) próprios(as) homossexuais descartavam esta possibilidade, uma vez que ainda observavam que estes não aceitavam a revelação, bem como em muitos casos não conversavam acerca do tema, sendo apenas dois dos oito pais convidados que participaram da pesquisa. Estes foram bastante acessíveis, falaram de seus sentimentos e reações diante da revelação de modo sereno e deixando claro o apoio que dão para seu filho e sua filha. Nos estudos apresentados na revisão, a figura que mais aparecia era a mãe, sendo que o pai era apenas mencionado na maior parte das entrevistas, movimento semelhante ao observado no estudo 2 da presente Dissertação.

As mães, tanto nos estudos da revisão quanto no empírico, foram mais acessíveis e, embora também tenham seus sofrimentos, aparentam estar mais abertas ao diálogo e a ajudar os(as) filhos(as). Das sete mães entrevistadas, apenas uma delas ainda não aceita a homossexualidade da filha, alegando que não foi criada desta forma, mas que, ao mesmo tempo, percebe a felicidade da filha, o que a faz avançar no processo de aceitação. As demais mães, dos dois estudos, disseram que, por mais que desconfiassem da homossexualidade, saber foi um choque, gerando conflitos internos como a culpa, sentimento de impotência, como se não tivessem sido boas mães, tivessem errado em algum momento na criação do(a) filho(a). Com o processo do *coming out*, estas mães perceberam que não haviam errado na criação de seus filhos, mas sim que esta é sua orientação sexual e que deve ser respeitada.

Já os irmãos e irmãs acompanharam de perto o processo de revelação, com apoio e dedicação. Contaram que mesmo com o susto, em alguns casos, mantiveram-se firmes para ajudar o(a) irmão(a) a lidar com as consequências da revelação, não apenas com as famílias, mas com a sociedade em geral. Demonstraram, em sua totalidade, preocupação relacionada

ao preconceito em casa e fora dela, com receio de que o(a) irmão(ã) passe por situações de violência verbal, emocional e física. Este fato também foi possível de ser observado no estudo 1, no qual a rede de apoio dos(as) homossexuais, em muitos casos, teve início no próprio núcleo familiar, sendo representado pelo papel de irmãos e primos.

Os(as) homossexuais entrevistados(as) e também os apresentados no estudo de revisão contaram como foi o processo do *outness* e do *coming out*, assim como relataram suas percepções do modo como suas famílias receberam a informação. No caso do estudo empírico, todos(as) sentiram medo de rejeição e por isso demoraram, cada um a seu modo, para revelar. Notaram a preocupação de suas famílias no momento da revelação, além do choque, sentimentos de culpa e de decepção, sendo estes alterados com o passar do tempo. Os(as) homossexuais compreendem o processo de suas famílias e também têm seus medos e preocupações em relação às suas vidas. Notam o preconceito intrafamiliar, de modo especial, pelas pessoas do sexo masculino. Pais, tios, primos e padrastos são observados como preconceituosos em grande parte dos casos, sendo as pessoas do sexo feminino mais receptivas, na visão dos(as) homossexuais entrevistados(as), bem como nos relatos analisados na revisão, no qual os(as) homossexuais relataram experiências semelhantes às retratadas no estudo 2.

De modo geral, as famílias, com certa dificuldade e resistência, aceitam ou ainda estão em processo de aceitação de seus(suas) filhos(as), sendo observado que todo o processo, em todas as famílias entrevistadas, passou por momentos de conflitos, advindos de conceitos pré-construídos de que a homossexualidade seja uma afronta à heteronormatividade. Contudo, os(as) homossexuais, com apoio de seus(suas) irmãos(ãs) e da rede social de amigos e familiares, conseguiram – ou estão conseguindo – apresentar uma expressão da homossexualidade distinta da que a família muitas vezes acredita que seja, sem estereótipos e comportamentos cristalizados e binários. Mencionaram a importância da

pesquisa para que outros pais e filhos(as), famílias em geral, conheçam acerca do processo do *outness* e do *coming out*, a fim de expandir informações de modo científico e acessível à sociedade.

Por fim, esperamos que os estudos que compõem esta Dissertação possam ser veiculados, contribuindo para as discussões contemporâneas acerca do tema, principalmente com a promoção de maior compreensão por parte das famílias e atitudes de respeito e tolerância, em busca de formas mais acolhedoras e saudáveis de atenção e cuidado. Que tais processos possam ocorrer dentro e fora das famílias, congregando também as redes de apoio a se posicionarem no sentido de uma aceitação que permita a todas e todos o pleno exercício de direitos, deveres e liberdade de ser, de se expressar e de viver.

REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

- Alvez, E. A., & Moniz, A. L. F. (2015). A família no processo de *coming out*: sair do armário. *Jornal Brasileiro de Ciência da Saúde*, 1(1), 1-14.
- Araújo, A. C. C. (2009). Ruas e bancas coloridas: os discursos da imprensa sobre as identidades homossexuais nas Paradas LGBT do Rio de Janeiro e de São Paulo. *Revista ComUnigranrio*, 1, 1-19.
- Arm, J. A., Horne, S. G., & Levitt, H. M. (2009). Negotiating connection to GLBT experience: family members' experience of anti-GLBT movements and policies. *Journal of Counseling Psychology*, 56(1), 82-96.
- Badinter, E. (1993). *XY – sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baére, F., Zanello, V., & Romero, A. C. (2015). Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? *Bioética*, 23(3), 623-633.
- Balsam, K. F., & Mohr, J. J. (2007). Adaptation to sexual orientation stigma: a comparison of bisexual and lesbian/gay adults. *Journal of Counseling Psychology*, 54(3), 306-319.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Borges, Z. N., & Meyer, D. E. (2008). Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. *Ensaio: Avaliação em Políticas Públicas em Educação*, 16(58), 59-76.
- Butler, J. (2003). O parentesco é sempre tudo como heterossexual? *Cadernos Pagu*, 21, 219-260.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Cadieux, J., & Chasteen, A. L. (2015). You gay, bro? Social costs faced by male confronters of antigay prejudice. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(4), 436-446.
- Campos, L. S., & Guerra, V. M. (2016). O ajustamento familiar: associações entre o apoio social familiar e o bem-estar de homossexuais. *Psicologia em Revista*, 25(1), 33-57.
- Carrara, S., & Ramos, S. (2006). A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, 16(2), 185-205.
- Cassar, J., & Grima Sultana, M. (2016). Sex is a minor thing: parents of gay sons negotiating the social influences of coming out. *Sexuality & Culture*, 20(4), 987-1002.
- Castañeda, M. (2007). *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: Girafa.
- Cavalcante, R. B., Calixto, P., & Pinheiro, M. M. K. (2014). Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Revista Informação & Sociedade: Estudos*, 24(1), 13-18.
- Ceballos-Fernández, M. (2014). Identidad homosexual y contexto familiar heteroparental: implicaciones educativas para la subversión social. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, 12(2), 643-658.
- Cerqueira-Santos, E., Carvalho, C. A. S. G., Nunes, L. M., & Silveira, A. P. (2017). Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 25, 691-702.
- Cerqueira-Santos, E., Silva, B. B., Rodrigues, H. S., & Santos, L. (2016). Homofobia internalizada e satisfação conjugal em homens e mulheres homossexuais. *Contextos Clínicos*, 9, 148-158.

- Chrisle, A. J. (2017). Understanding parent reactions to coming out as lesbian, gay, or bisexual: a theoretical framework. *Journal of Family Theory and Review*, 9(2), 165-181.
- Cianciotto, J., & Cahill, S. (2003). *Issues affecting lesbian, gay, bisexual and transgender youth*. New York: National Gay and Lesbian Task Force Policy Institute.
- Corliss, H. L., Austin, S. B., Roberts, A. L., & Molnar, B. E. (2009). Sexual risk in “mostly heterosexual” young women: influence of social support and caregiver mental health. *Journal of Women’s Health*, 18(12), 2005-2010.
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3) 715-726.
- Costa, C. B., Machado, M. R., & Wagner, M. F. (2015). Percepções do homossexual masculino: sociedade, família e amizades. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 777-788.
- Costa, C. G., Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2010). Os discursos das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. Oliveira (Orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero* (pp. 211-241). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Costa, C. G., Pereira, M., Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2010). Imagens sociais das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. Oliveira (Orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero* (pp. 93-147). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- De Tilio, R. (2014). Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. *Revista Gênero*, 14(2), 125-148.
- Detrie, P. M., & Lease, S. H. (2007). The relation of social support, connectedness, and collective self-esteem to the psychological well-being of lesbian, gay, and bisexual youth. *Journal of Homosexuality*, 53(4), 173-199.

- Dew, B. J., & Chaney, M. P. (2005). The relationship among sexual compulsivity, internalized homophobia, and HIV at-risk sexual behavior in gay and bisexual male users of internet chat rooms. *Sexual Addiction & Compulsivity, 12*(4), 259-273.
- Diamond, G. M., & Shpigel, M. S. (2014). Attachment-based family therapy for lesbian and gay young adults and their persistently non accepting parents. *Professional Psychology: Research and Practice, 45*(4), 258-268.
- DiFulvio, G. T. (2011). Sexual minority youth, social connection and resilience: From personal struggle to collective identity. *Social Science & Medicine, 72*(10), 1611-1617.
- Etengoff, C., & Daiute, C. (2013). Family member's uses of religion in post-coming-out conflicts with their gay relative. *Psychology of Religion and Spirituality, 6*(1), 33-43.
- Facchini, R. (2003). Movimento homossexual no Brasil: recompondo o histórico. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth, 10*(18), 79-123.
- Feinstein, B. A., Wadsworth, L. P., Davila, J., & Goldfried, M. R. (2014). Do parental acceptance and family support moderate associations between dimensions of minority stress and depressive symptoms among lesbians and gay men? *Professional Psychology: Research and Practice, 45*(4), 239-246.
- Fernandez, O. (2011). Igualdade na diversidade: a luta pelo reconhecimento dos direitos dos homossexuais no Brasil. *Revista Espaço Acadêmico, 1*, 17-26.
- Figueiredo, A. M., Divino, M. A. A., & Ferreira, T. A. (2012). Por que os homens casam com mulheres poderosas? Uma breve análise do tratamento dado às emoções femininas. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, 2*, 15-28.
- França, M. R. C. (2009). Famílias homoafetivas. *Revista Brasileira de Psicodrama, 17*(1), 21-33.

- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 26, 25-15.
- Friço, J., Zocche, D. A., Vidori, J., Marin, S. M., Prado, G. P., & Klein, M. L. (2014). Políticas públicas de saúde frente às necessidades dos homoafetivos: Reflexão da práxis de enfermagem. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research*, 6(1), 28-33.
- Frost, D. M., Meyer, I. H., & Schwartz, S. (2016). Social support networks among diverse sexual minority populations. *American Journal of Orthopsychiatry*, 86, 91-102.
- Galli, R. A., Vieira, E. M., Giami, A., & Santos, M. A. (2013). Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 447-457.
- Goldfried, M. R., & Goldfried, A. P. (2001). The importance of parental support in the lives of gay, lesbian, and bisexual individuals. *Psychotherapy in Practice*, 57 (5), 681-693.
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Soares, A. K. S., Araújo, R. C. R., & Andrade, J. M. (2012). Valores e motivações para responder sem preconceito frente a homossexuais. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 215-225.
- Guardarrama, J. G., & Alfonso, J. T. (2012). El significado de la experiencia de la aceptación de la orientación sexual homosexual desde la memoria de un grupo de hombres adultos puertorriqueños. *Revista Eureka*, 9(2), 158-170.
- Guarnero, P. A. (2007). Family and community influences on the social and sexual lives of latino gay men. *Journal of Transcultural Nursing*, 18(1), 12-18.
- Guerra, V. M., Gouveia, V. V., Sousa, D. M., Lima, T. J., & Freires, L. A. (2012). Sexual liberalism-conservatism: the effect of human values, gender, and previous sexual experience. *Archives Of Sexual Behavior*, 41(4), 1027-1039.

- Guimarães, A. F. P. (2009). O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 17(2), 553-567.
- Hank, K., & Salzburger, V. (2015). Gay and lesbian adults’ relationship with parents in Germany. *Journal of Marriage and Family*, 77, 866-876.
- Hauer, M., & Guimarães, R. S. (2015). Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 649-662.
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Heilborn, M. L. (2006). Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 43-59.
- Herek, G. (2004). Beyond ‘homophobia’: thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research & Social Policy*, 1(2), 6-24.
- Herman, D. (2005). ‘I’m gay’: declarations, desire, and coming out on prime-time television. *Sexualities*, 8(1), 7-29.
- Hoffarth, M. R., & Bogaert, A. (2017). Opening the closet door: Openness to experience, masculinity, religiosity, and coming out among same-sex attracted men. *Personality and Individual Differences*, 109, 215-219.
- Jackson, S. D., & Mohr, J. (2016). Conceptualizing the closet: differentiating stigma concealment and nondisclosure processes. *Psychology of Sexual Orientation And Gender Diversity*, 3(1), 80-92.
- Junqueira, R. (2007). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas: Estudos Gays – Gêneros e Sexualidades*, 1(1), 145-165.

- Klein, K., Holtby, A., Cook, K., & Travers, R. (2015). Complicating the coming out narrative: becoming oneself in a heterosexist and cissexist world. *Journal of Homosexuality*, 62(1), 297-330.
- Kurashige, K. D., & Reis, A. F. (2010). O processo de afirmação da orientação sexual e suas implicações na vida familiar. *Revista Interfaces da Educação*, 1(3), 93-102.
- Laghi, F., Baiocco, R., Baumgartner, E., Marasco, B., Fontanesi, L., Santamaria, F., & Willoughby, B. L. B. (2015). Negative parental responses to coming out and family functioning in a sample of lesbian and gay young adults. *Journal of Child and Family Studies*, 24(5), 1490-1500.
- LaSala, M. C. (2013). Out of the darkness: three waves of family research and the emergence of family therapy for lesbian and gay people. *Clinical Social Work Journal*, 41, 267-276.
- Lira, A. N., & Morais, N. A. (2016). Famílias constituídas por lésbicas, gays e bissexuais: revisão sistemática de literatura. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 24, 1051-1067.
- Lira, A. N., & Morais, N. A. (2017). Resilience in lesbian, gay e bisexual (LGB) population: an integrative literature review. *Sexuality Research and Social Policy*, 10, 1-11.
- Lira, A. N., Morais N. A., & Boris, G. D. J. B. (2016). (In)Visibilidade da vivência homoparental feminina: entre preconceitos e superações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 20-33.
- Lira, A. N., Morais, N. A., & Boris, G. D. J. B. (2016). Concepções e modos de viver em família: a perspectiva de mulheres lésbicas que tem filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32, 1-10.
- Lomando, E., Wagner, A., & Gonçalves, J. (2011). Coesão e adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(3), 95-109.
- Lopes, J. R. L. (2005). O direito ao reconhecimento para gays e lésbicas. *Revista Internacional de Direitos Humanos*, 2(2), 65-95.

- Louro, G. L. (2004). *Corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maffesoli, M. (2007). Homosstocialidade: da identidade às identificações. *Bagoas: Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 1(1), 15-25.
- Maiffret, A., & Vasconcelos-Bernstein, D. (2014). Coming out: realidade social e conflito psíquico dos homossexuais. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 13(1), 09-16.
- Manning, J. (2015). Communicating sexual identities: a typology of coming out. *Sexuality & Culture*, 19(1), 122-138.
- Mariano, S. A., Pizzi, M. L., Schmidt, N. T., Silva, S. P., & Garcia, L. S. (2012). Conceituando gênero, conjunturas familiares e homofobia para o uso da sociologia no ensino médio. *Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL*, 1(1), 1-21.
- Martin, J. M. L. (2016). Coming out, coming home. *The Family Journal*, 24(3), 304-311.
- Martins, F., Romão, L., Lindner, L., & Reis, T. (2010). *Manual de Comunicação LGBT*. Curitiba: Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda.
- Mello, L. (2005). *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Méllo, R. P. (2007). Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. *Psicologia e Sociedade*, 24(1), 197-207.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- Mesquita, D. T., & Perucchi, J. (2016). Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 105-114.

- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, *129*, 674-697.
- Miskolci, R. (2015). “Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, (44), 61-90.
- Miskolci, R. (2013). Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*, *21*(1), 301-324.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & the PRISMA Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *Annals of Internal Medicine*, *151*(4), 264-269.
- Molina, L. P. P. (2011). A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Antíteses*, *4*(8), 949-962.
- Moscheta, M. S., Souza, L. V., Casarini, K. A., & Scorsolini-Comin, F. (2016). Da (im)possibilidade do diálogo: conversações públicas e os direitos LGBTQTS. *Psicologia & Sociedade*, (28)3, 516-525.
- Mott, L. (2006). Homoafetividade e direitos humanos. *Revista de Estudos Feministas*, *14*(2), 509-521.
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, *23*(3), 547-563.
- Nascimento, L. C. S., & Pimentel, A. (2011). Delegacia e defensoria pública no combate à homofobia em Belém do Pará. *Barbarói*, *35*, 43-57.
- Natividade, M. (2010). Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião & Sociedade*, *30*(2), 90-121.

- Needham, B. L., & Austin, E. L. (2010). Sexual orientation, parental support, and health during the transition to young adulthood. *Journal of Youth Adolescence*, 39, 1189-1198.
- Nicholson, L. (2000). Interpretando gênero. *Revista Estudos Feministas*, 8(2), 9-41.
- Nunan, A. (2010). Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. *Revista Psicologia e Argumento*, 28(62), 247-259.
- Oksal, A. (2008). Turkish family members' attitudes toward lesbians and gay men. *Sex Roles*, 58, 514-525.
- Oliveira, A. (2012). *Amor parental (in)condicional: estudo sobre a influência da percepção da aceitação/rejeição parental em homossexuais, lésbicas e bissexuais*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior da Maia, Universidade do Porto, Portugal.
- Oliveira, J. M., Pereira, M., Costa, C. G., & Nogueira, C. (2010). Pessoas LGBT – identidades e discriminação. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero* (pp. 149-210). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Palma, Y. A., & Levandowski, D. C. (2008). Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. *Psicologia Em Estudo*, 13(4), 771-779.
- Palma, Y. A., Piason, A. S., Bezerra, A. C. M., & Strey, M. N. (2010). Experiências de vida e os processos de visibilidade social de mulheres que amam mulheres. *Aletheia*, 33, 1-13.
- Passamani, G. R. (2015). O casamento como “armário”: histórias de um homem com conduta homossexual no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *Sexulidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 21, 111-135.
- Paula-Couto, M. C. P., Koller, S. H., Novo, R., & Sanchez-Soares, P., (2008). Adaptação e utilização de uma medida de apoio social-diagrama de escolta-para idosos brasileiros. *Universitas Psychologica*, 7(2) 493-505.

- Pereira, A. S., & Oliveira, E. M. B. (2016). Brincadeiras de meninos e meninas: cenas de gênero na educação infantil. *Revista Reflexão e Ação*, 24(1), 272-288.
- Pereira, H., & Leal, I. (2005). A identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde. *Análise Psicológica*, 23(3), 315-322.
- Pereira, V. L. (2004). Gênero: dilemas de um conceito. In M. N. Strey, S. T. L. Cabeda & D. R. Prehn (Orgs.), *Gênero e cultura: questões contemporâneas* (pp. 173-198). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Pérez-Sancho, B. (2005). *Homosexualidad: secreto de familia: El manejo del secreto en familias con algún miembro homosexual*. Madrid: Egales.
- Perrin-Wallqvist, R. & Lindblom, J. (2015). Coming out as gay: a phenomenological study about adolescents disclosing their homosexuality to their parents. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 43(3), 467-514.
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*, 19(1), 67-76.
- Pistella, J., Salvati, M., Ioverno, S., Laghi, F., & Baiocco, R. (2016). Coming-out to family members and internalized sexual stigma in bisexual, lesbian and gay people. *Journal of Child and Family Studies*, 25(12), 3694-3701.
- Poeschl, G., Venâncio, J., & Costa, D. (2012). Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. *Revista Psicologia*, 26(1), 33-53.
- Prado, M. A. M., & Machado, F. V. (2012). *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez.
- Puckett, J. A., Woodward, E. N., Meireish, E. H., & Pantalone, D. W. (2015). Parental rejection following sexual orientation disclosure: impact on internalized homophobia, social support, and mental health. *LGBT Health*, 2(3), 265-269.

- Ribeiro, J. S. B. (2006). Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. *Cadernos Pagu*, 26, 145-168.
- Ribeiro, L. M., & Scorsolini-Comin, F. (2017). Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. *Psicologia & Sociedade*, 29, 162-267.
- Robbins, N., Low, K., & Query, A. (2016). A qualitative exploration of the “coming out” process for asexual individuals. *Archives of Sexual Behavior*, 45(3), 751-760.
- Robinson, M. A., & Brewster, M. E. (2016). Understanding affiliate stigma faced by heterosexual family and friends of lgb people: a measurement development study. *Journal of Family Psychology*, 30(3), 353-363.
- Rondini, C. A., Teixeira Filho, F. S., & Toledo, L. G. (2017). Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. *Psicologia USP*, 28(1), 57-71.
- Rosario, M., Schrimshaw, E. W., & Hunter, J. (2011). Different patterns of sexual identity development over time: implications for the psychological adjustment of lesbian, gay and bisexual youths. *Journal of Sex Research*, 48(1), 3-15.
- Rossi, N. E., (2010). “Coming out” stories of gay and lesbian young adults. *Journal of Homosexuality*, 57, 1174-1191.
- Ryan, C., Russell, S. T., Huebner, D., Diaz, R., & Sanchez, J. (2010). Family acceptance in adolescence and the health of LGBT young adults. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 23(4) 205-213.
- Sabat, I., Trump, R., & King, E. (2014). Individual, interpersonal, and contextual factors relating to disclosure decisions of lesbian, gay, and bisexual individuals. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(4), 431-440.
- Saggese, G. (2009). *Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação coming out de homens homossexuais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-

Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

- Saltzburg, S. (2004). Learning that an adolescent child is gay or lesbian: the parent experience. *Social Work, 49*(1), 109-118.
- Sampaio, J. V., & Germano, I. M. P. (2014). Políticas públicas e a crítica *queer*: algumas sugestões sobre identidade LGBT. *Revista Psicologia & Sociedade, 26*(2), 290-300.
- Sanders, G. (1994). O amor que ousa declarar seu nome: do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In E. Imber-Black (Org.), *Os segredos na família e na terapia familiar* (pp. 219-244). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Santos, A. F., & Fernandes, S. C. S. (2009). Enfrentamento, locus de controle e preconceito: um estudo com pessoas de orientação homoafetiva. *Psicologia em Revista (Maringá), 15*(3), 101-119.
- Santos, C. M. C., Pimenta, C. A. M., & Nobre, M. R. C. (2007). A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 15*(3), 508-511.
- Santos, M. A., Brochado Júnior, J. U., & Moscheta, M. S. (2007). Grupo de pais de jovens homossexuais. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, 3*(2), 1-16.
- Santos, Y. G. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2015). Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 26*(3), 572-582.
- Savin-Williams, R. C. (2001). *"Mom, dad. I'm gay": How families negotiate coming out*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Savin-Williams, R. C., & Ream, G. L. (2003). Sex variations in the disclosure to parents of same-sex attractions. *Journal of Family Psychology, 17*(3), 429-438.

- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Insensatos afetos: homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira. *Barbarói*, 36, 50-66.
- Scott, J. W. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 16(2), 5-22.
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 17, 19-54.
- Shilo, G., & Savaya, R. (2011). Mental health of lesbian, gay, and bisexual youth and young adults: differential effects of age, gender, religiosity, and sexual orientation. *Journal of Research on Adolescence*, 22(2), 310-325.
- Silva Filho, M. R. S., & Rodrigues, C. I. (2012). Digressões homossexuais notas antropológicas sobre *coming out*, *ethos* LGBT e bajubá em Belém-PA. *Revista NUFEN*, 4(1), 44-58.
- Silva Neto, J., & Strey, M. (2007). Gênero e conjugalidade: encontros e desencontros na representação social da relação conjugal. In M. Strey, J. A. Silva Neto, & L. Horta. *Família e Gênero* (pp. 170-185). Porto Alegre: EdiPUC-RS.
- Silva, F. R., & Nardi, H. C. (2011). A construção social e política pela não discriminação por orientação sexual. *Revista de Saúde Coletiva*, 21(1), 251-265.
- Silva, M. M. L., Frutuoso, J. F. F., Feijó, M. R., Valerio, N. I., & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Revista Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 677-692.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Silva, V. G. (2007). A visibilidade do suposto passivo: Uma atitude revolucionária do homossexual masculino. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 7(1), 71-88.

- Simpson, C. A., Miranda, F. A. N., Mundo, M. M. S., & Azevedo, D. M. (2007). Trajetória de vida de um homossexual: entre o silêncio e a opressão. *Ciência e Cuidado em Saúde*, 6(4), 424-432.
- Soliva, T. B., Silva, J. B. Jr., (2014). Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud Y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 17, 124-148.
- Solórzano, A. J., & Mendoza, M. R. (2014). “Salir del clóset” en la Ciudad de México. *Revista Salud Mental*, 37(5), 391-397.
- Souza, E. J., Silva J. P., & Santos, C. (2015). Homofobia na escola: as representações de educadores/as. *Temas em Psicologia*, 23(3), 635-647.
- Teixeira Filho, F. S., & Rondini, C. A. (2012). Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Revista Saúde e Sociedade*, 21(3), 651-667.
- Teixeira, F. S., Marretto, C. A. R., Mendes, A. B., & Santos, E. N. (2012). Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidade. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 16-33.
- Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F. S. (2013). Homofobia familiar: abrindo o armário ‘entre quatro paredes’. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 376-391.
- Torrão Filho, A. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruza. *Cadernos Pagu*, 24, 127-152.
- Trindade, R. (2011). O Mito Da Multidão: Uma Breve História da Parada Gay de São Paulo. *Revista Gênero*, 11(2), 73-97.
- Vianna, C. P. (2015). O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual. *Educação e Pesquisa Revista da Faculdade de Educação da USP*, 1-16.

- Victora, C., & Knauth, D. R. (2004). Corpo, gênero e saúde: a contribuição da antropologia. In M. N. Strey & S. T. L. Cabeda (Orgs.), *Corpos e subjetividade em exercício interdisciplinar* (pp. 81-91). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Walker, J. J., & Longmire-Avital, B. (2013). The impact of religious faith and internalized homonegativity on resiliency for black lesbian, gay, and bisexual emerging adults. *Development Psychology, 49*(9), 1723-1731.
- Whitley, B. E., & Egisdóttir, E. (2000). The gender belief system, authoritarianism, social dominance orientation, and heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men. *Sex Roles, 42*, 947-967.
- Wight, R. G., LeBlanc, A. J., & Lee Badgett, M. V. (2013). Same-sex legal marriage and psychological well-being: findings from the California Health Interview Survey. *American Journal Public Health, 103*(2), 339-346.
- Willoughby, B. L. B., Malik, N. M., & Lindahl, K. M. (2006). Parental reactions to their sons' sexual orientation disclosures: the roles of family cohesion, adaptability, and parenting style. *Psychology of Men & Masculinity, 7*(1), 14-26.
- Xavier, B. M. R. (2013). *E se eu (não) contar quem sou? Estudo exploratório em jovens homossexuais masculinos sobre as percepções das (im)possibilidades da revelação da orientação sexual ao pai: implicações para a construção de identidades sexuais não-normativas*. Dissertação de Mestrado, Mestrado Integrado em Psicologia área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade do Minho, Portugal.
- Yin, R. K. 2005. *Estudo de caso – planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zimmerman, L., Darnell, D. A., Rhew, I. C., Lee, C. M., & Kaysen, D. (2015). Resilience in community: a social ecological development model for young adult sexual minority women. *American Journal of Community Psychology, 55*(1-2), 179-190.

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE ESCLARECIMENTO (Para participantes do Projeto de Pesquisa)

TÍTULO DO PROJETO: Repercussões da revelação da orientação homossexual na dinâmica familiar: A perspectiva de jovens adultos, pais e irmãos

Você está sendo convidado a participar do estudo *Repercussões da revelação da orientação homossexual na dinâmica familiar: A perspectiva de jovens adultos, pais e irmãos*. Os avanços na área da família e da homossexualidade ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é investigar de que modo a revelação da orientação sexual de jovens adultos homossexuais masculinos e/ou femininos tem repercutido na dinâmica familiar, na perspectiva desses jovens, seus pais e irmãos.

Caso esteja de acordo, você participará de uma única entrevista, com duração aproximada de uma hora, cujas perguntas são relacionadas à sua experiência no processo de revelação da orientação sexual. Tudo o que você disser será utilizado somente para este estudo e mantido sob absoluto sigilo, uma vez que utilizaremos um nome fictício para não identificá-lo(a), garantindo o seu anonimato. Dessa forma, considerando as condições de realização da pesquisa, o local será um ambiente reservado que melhor permita a realização da coleta de dados contanto que se resguarde a privacidade e o conforto material e psicológico dos participantes.

A entrevista será audiogravada, se você assim o permitir, para evitar que nada do que for dito seja perdido, fazendo com que nenhum detalhe importante passe despercebido pelo pesquisador. Os dados deste estudo farão parte do meu trabalho de conclusão da Pós-Graduação *Stricto Sensu* e poderão ser divulgados em artigos e congressos científicos, sendo que a sua identidade será sempre preservada. Dados mais específicos que porventura possam identificá-lo(a) serão omitidos.

Mesmo não correndo nenhum risco em participar desta pesquisa, alguns conteúdos abordados podem trazer algum tipo de desconforto psicológico. Caso aconteça de você experimentar algum tipo de desconforto, poderá conversar com o(a) pesquisador(a)-responsável, que é psicólogo(a) e psicoterapeuta. Se necessário, será oferecida a possibilidade de você receber atendimento psicológico a cargo desse(a) profissional ou de outro(a) por ele

indicado, vinculado ao Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CEPPA-UFTM).

Você poderá obter todas as informações que quiser; você poderá ou não participar da pesquisa e o consentimento poderá ser retirado a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro. O seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ele será identificado por um número ou por uma letra ou outro código.

Contato dos pesquisadores:

Pesquisador(es):

Nome: Geysa Cristina Marcelino Nascimento

E-mail: geysanascimento@terra.com.br

Telefone: (34) 9 9954-6255

Endereço: Rua México, 368. Fabrício. Uberaba, MG.

Nome: Fabio Scorsolini-Comin

E-mail: fabioscorsolini@gmail.com

Telefone: (34) 3700-6613

Endereço: Rua Conde Prados, 155. Abadia. Uberaba, MG.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

TÍTULO DO PROJETO: REPERCUSSÕES DA REVELAÇÃO DA ORIENTAÇÃO HOMOSSEXUAL NA DINÂMICA FAMILIAR: A PERSPECTIVA DE JOVENS ADULTOS, PAIS E IRMÃOS

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará o tratamento/serviço que estou recebendo. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo, “Repercussões da revelação da orientação homossexual na dinâmica familiar: A perspectiva de jovens adultos, pais e irmãos” e receberei uma via assinada deste documento.

Uberaba,//.....

Assinatura do voluntário

Assinatura do pesquisador responsável
assistente

Assinatura do pesquisador

Telefone de contato dos pesquisadores:

Geysa Cristina Marcelino Nascimento – (34) 9 9954-6255

Fabio Scorsolini-Comin – (34) 3700-6613

Apêndice B

Roteiro de Entrevista para Homossexuais

Dados do(a) participante

Nome (fictício): _____ Idade: _____
 Casado(a) () Solteiro(a) () Outro: _____ Filhos: _____
 Crença religiosa ou espiritual: _____
 Profissão: _____

- Conte-me, com as suas palavras e do modo como preferir, como é a sua família?
- Como foi relação com sua família desde a infância/adolescência?
- Há outras pessoas homossexuais na família? Se sim, quem?
- Como foi o processo da “descoberta” da sua homossexualidade?
- Após “descobrir” a homossexualidade, você contou para quem primeiro?
- Como foi essa decisão de revelar a sua orientação sexual para as pessoas?
- Como se sentiu após revelar sua orientação sexual?
- Você buscou ajuda em algum grupo LGBT? Ou em outro grupo?
- Você buscou ajuda de algum profissional?
- Você teve alguma rede de apoio? Se sim, qual(uais) foi(foram)?
- Quando decidiu contar para sua família? O que o levou a contar?
- Conte-me como foi o momento da revelação.
- Como sua família reagiu diante da notícia? Conte-me como cada membro da família reagiu (pai, mãe e irmão(ã)).
- Sua família buscou apoio externo para chegar no processo de aceitação (caso hoje julguem que aceitam sua orientação sexual)?
- Para você, houve a presença de alguma rede de apoio para sua família (parentes, família, amigos, entre outros)?

- Como você se vê antes e depois da revelação?
- Qual é a sua opinião acerca dos(as) homossexuais que não revelam sua orientação sexual?
- Você percebe alguma mudança na rotina/vivências na sua casa?
- Você percebe alguma mudança nos parentes após sua revelação?
- Como você percebe que sua família lida com o restante da família (avós, tios, primos)?
- Hoje, como é sua relação com sua família?
- E hoje, como é a relação da sua família com você? Mudou algo após a revelação?
- Quais foram as dificuldades encontradas no processo de “sair do armário” *coming out*? E as facilidades?
- O que você diria para uma pessoa que estava na mesma situação que você? Quais as suas dicas para esse processo de assumir-se homossexual?
- Como você gostaria que a sua família tivesse reagido ao contar que era homossexual?
- Como seria um processo “ideal” de revelação da homossexualidade para a família?
- O que você que poderia ajudar outros pais e outros irmãos nesse processo?
- Há algo que eu não tenha perguntado e que você gostaria de falar? Fique à vontade.

Agradeço por ter participado desta pesquisa.

Apêndice C

Roteiro de Entrevista para Mães e Pais

Dados do(a) participante

Nome (fictício): _____ Idade: _____

Casado(a) () Solteiro(a) () Outro: _____ Filhos: _____

Crença religiosa ou espiritual: _____

Profissão: _____

- Conte-me, brevemente, acerca da sua relação com seu(sua) filho(a) (infância, adolescência).
- Como você vê a homossexualidade hoje?
- Você havia percebido a orientação sexual do(a) seu(sua) filho(a)? Desde quando?
- Como foi o momento em que ele(a) se revelou para você?
- Como foi receber esta informação?
- Qual foi a primeira sensação que teve ao receber essa notícia?
- Como foi o processo de aceitação da orientação sexual do(a) seu(sua) filho(a)?
- Há outras pessoas homossexuais na família? Se sim, quem?
- Você buscou alguma rede de apoio (parentes, amigos, ONGs)?
- Quais foram dificuldades e as facilidades encontradas neste processo?
- Houve mudanças na rotina familiar? Se sim, quais?
- Como é para você, hoje, ter um(a) filho(a) homossexual?
- Você percebe o preconceito dentro da sua casa?
- Você percebe que seu(sua) filho(a) sofre algum tipo de preconceito na sociedade? Se sim, de que tipo?
- Quais são os sentimentos, hoje, acerca da homossexualidade do(a) seu(sua) filho(a)?

- Em relação ao seu sentimento de mãe/pai perante um filho, você percebe alguma mudança após a revelação ter sido feita?
- Você gostaria de não saber da orientação sexual do seu filho?
- Quando te perguntam sobre seu(sua) filho(a), você conta que ele(a) é homossexual?
- Qual a sua opinião sobre a vida dos homossexuais na sociedade e sobre a homossexualidade?
- Você sentiu falta de algum tipo de apoio/informação no processo após a revelação da orientação sexual do(a) seu(sua) filho(a)?
- Qual é a sua opinião acerca dos(as) homossexuais que não revelam sua orientação sexual?
- Se você pudesse dizer algo para os pais que acabaram de saber da homossexualidade do(a) filho(a), qual mensagem diria?
- O que você acha que poderia ter te ajudado nesse processo todo?
- Há algo que eu não tenha perguntado e que você gostaria de falar? Fique à vontade.

Agradeço por ter participado desta pesquisa.

Apêndice D

Roteiro de Entrevista para Irmãos

Dados do(a) participante

Nome (fictício): _____ Idade: _____

Casado(a) () Solteiro(a) () Outro: _____ Filhos: _____

Crença religiosa ou espiritual: _____

Profissão: _____

- Conte-me, brevemente, acerca da sua relação com seu(sua) irmão(ã) (infância, adolescência).
- Como você vê a homossexualidade hoje?
- Você havia percebido a orientação sexual do(a) seu(sua) irmão(ã)? Desde quando?
- Como foi o momento em que ele(a) se revelou para você?
- Como foi receber esta informação?
- Como foi o processo de aceitação da orientação sexual do(a) seu(sua) irmão(ã)?
- Há outras pessoas homossexuais na família? Se sim, quem?
- Você buscou alguma rede de apoio (parentes, amigos, ONGs)?
- Quais foram dificuldades e as facilidades encontradas neste processo?
- Houve mudanças na rotina familiar? Se sim, quais?
- Como é para você, hoje, ter um(a) irmão(ã) homossexual?
- Você percebe o preconceito dentro da sua casa?
- Você percebe que seu(sua) irmão(ã) sofre algum tipo de preconceito na sociedade? Se sim, de que tipo?
- Quais são os sentimentos, hoje, acerca da homossexualidade do(a) seu(sua) irmão(ã)?
- Em relação ao seu sentimento de irmão(ã) para irmão(ã), você percebe alguma mudança após a revelação ter sido feita?

- Quando te perguntam sobre seu(sua) irmão(ã), você conta que ele(a) é homossexual?
- Qual a sua opinião sobre a vida dos homossexuais na sociedade e sobre a homossexualidade?
- Você sentiu falta de algum tipo de apoio/informação no processo após a revelação da orientação sexual do(a) seu(sua) irmão(ã)?
- Qual é a sua opinião acerca dos(as) homossexuais que não revelam sua orientação sexual?
- Se você pudesse dizer algo para os pais e irmãos que acabaram de saber da homossexualidade de um membro da família, qual mensagem diria?
- Se pudesse mudar algo nesse processo todo, o que seria?
- Há algo que eu não tenha perguntado e que você gostaria de falar? Fique à vontade.

Agradeço por ter participado desta pesquisa.

ANEXOS

Anexo A – Carta de aceite do artigo derivado da Dissertação (Estudo 1)



Temas em
PSICOLOGIA

Sociedade Brasileira de Psicologia

ISSN: 1413-398X

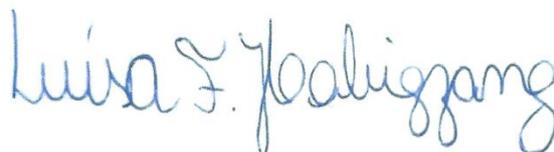
Porto Alegre, .11 de dezembro de 2017

Prezados Geysa Cristina Marcelino Nascimento, Fabio Scorsolini-Comin,

É com grande satisfação que lhes comunicamos o aceite final do artigo "**A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica**" de vossa autoria, para publicação em *Temas em Psicologia*. O manuscrito será publicado em no Volume 26 Número 2- 2018

Aproveitamos a oportunidade para lhe apresentar os nossos votos de elevada estima e consideração e agradecer-lhe por ter escolhido *Temas em Psicologia* para a divulgação do seu trabalho.

Atenciosamente,



Luisa Fernanda Habigzang
Editor Chefe

Anexo B - Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Saúde
Ministério da Saúde

Plataforma
Brasil

Público Pesquisador Alterar Meus Dados

Cadastros

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Repercussões da revelação da orientação homossexual na dinâmica familiar: A perspectiva de jovens adultos, pais e irmãos
Pesquisador Responsável: Fabio Scorsolini Comin
Área Temática:
Versão: 3
CAAE: 61274116.6.0000.5154
Submetido em: 12/12/2016
Instituição Proponente: Centro de Estudo e Pesquisa em Psicologia Aplicada
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_807421

Anexo C - Diagrama de Escolta